

DANIELA LOPES DA SILVA

**TRAÇOS DE PERSONALIDADE E RELIGIÃO:
MEIO RURAL VERSUS MEIO URBANO**

Orientador: João Pedro Oliveira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia

Lisboa

2010

DANIELA LOPES DA SILVA

**TRAÇOS DE PERSONALIDADE E RELIGIÃO:
MEIO RURAL VERSUS MEIO URBANO**

Tese apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia no Curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor João Pedro Oliveira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia

Lisboa

2010

Agradecimentos

Ao meu orientador Professor Doutor João Pedro Oliveira, pela confiança em dividir comigo cada passo desta nossa caminhada e alimentar em mim a chama da ciência.

Aos queridos ‘irmãos de mestrado’ Nádia Silva e André Ferreira pelos bons momentos que passamos juntos, transformando o acaso de nosso encontro em verdadeira e eterna amizade.

Aos meus amigos que me apoiaram e me incentivaram sempre a continuar e que plantaram em mim a verdadeira essência da amizade ao longo destes anos.

À minha avó Delfina e à minha Tia Joana por proverem o meu coração de amor, sonho e luz, vibrando e sofrendo, mas nunca descreditando.

Aos amores da minha vida, pais e irmãos, por sempre acreditarem em mim e se terem esforçado para eu ter conseguido.

Resumo

As relações do envolvimento religioso com os traços da personalidade em indivíduos do meio rural e indivíduos do meio urbano foram investigadas neste trabalho. Este estudo tem como objectivo o estabelecimento de associações entre traços de personalidade e religião, procedendo a um estudo comparativo entre uma amostra, constituída por indivíduos do meio rural e uma amostra constituída por indivíduos do meio urbano. A amostra rural foi recolhida no distrito de Portalegre e contou com a participação de 200 sujeitos escolhidos aleatoriamente, tendo sido também recolhida uma amostra de outros 200 sujeitos no meio urbano, em específico na região da Grande Lisboa, de uma forma aleatória. As idades dos participantes estão compreendidas entre os 18 e os 103 anos ($M = 44,20$; $DP = 19,637$), sendo os indivíduos de ambos os sexos.

Procedeu-se a uma caracterização sociodemográfica da amostra e recorreu-se à aplicação de quatro instrumentos, a DUREL (Koenig, 1997), o BFI (Oliver & John, 2001), o PANAS (Watson, Clark & Tellegen, 1988) e a PDS (Paulhus, 1998). Os resultados obtidos demonstraram associações significativas entre as dimensões da personalidade, com as dimensões da religiosidade. Verificou-se que os indivíduos com uma alta religiosidade apresentam traços mais vinculados de amabilidade e de conscienciosidade. Por outro lado verificou-se que os indivíduos com alta religiosidade no meio urbano apresentam um nível mais elevado de neuroticismo e de abertura à experiência do que no meio rural.

Palavras-chave: Personalidade; Religião; Meio Rural; Meio Urbano.

Abstract

The relation between the religious involvement with the personality traits in individuals from rural and urban environment were investigated in this work. This study aims to establish associations between personality traits and religion, by carrying out a comparative study of a sample consisting of individuals from rural areas and a sample of individuals from urban areas. The rural sample was collected in the district of Portalegre, in which participated 200 individuals randomly chosen, a sample of 200 individuals in the urban area, specifically in the area of Lisbon city, chosen at random, were also collected. The ages of participants are between 18 and 103 years old ($M = 44.20$, $SD = 19.637$).

A socio-demographic characterization of the sample was carried out and four measures were used - Durel (Koenig et al., 1997), BFI (Oliver, & John, 2001), the PANAS (Watson Clark & Tellegen, 1988) and PDS (Paulhus, 1998). Results showed significant associations between dimensions of personality and dimensions of religiosity. It was found that individuals with a high religiosity have more pronounced traits of kindness and conscientiousness. Moreover it was found that individuals with high religiosity in urban areas have a higher level of neuroticism and openness to experience than in rural areas.

Keywords: Personality, Religion, Environment Rural, Urban Environment .

Abreviaturas

AN – Afectividade Negativa

AP - Afectividade Positiva

BFI- Big Five Inventory

DUREL- Duke Religious Index

IM - Gestão de Imagem

NEO-FFI -Neo Five Factor Inventory

PANAS - Positive Affect and Negative Affect Schedule

PDS -Paulhus Deception Scales

R/E - Religiosidade/Espiritualidade

RI - Religiosidade Intrínseca

RNO - Religiosidade Não-Organizacional

RO - Religiosidade Organizacional

SDE - Auto-apresentação Favorável

Índice

Introdução	9
Capítulo I – Traços de Personalidade	11
1.1 Definição de personalidade	11
1.2 Traços de personalidade	15
1.3 A abordagem dos cinco factores	17
Capítulo II – A Religião	22
2.1 Concepções sobre a Religião	22
2.2 Religiosidade e Personalidade	29
Capítulo III – Metodologia	35
3.1 Objectivo do estudo e hipóteses	35
3.2 Descrição da amostra	36
3.3 Descrição das medidas	43
3.4 Procedimento	46
3.5 Resultados	46
3.6 Discussão dos resultados	75
Conclusão	81
Referências Bibliográficas	83
Anexos	I

Índice de tabelas

Tabela 1. Variáveis soció-demográficas	37
Tabela 2. Diferenças entre variáveis sócio-demográficas em função da prática religiosa	38
Tabela 3. Diferenças entre variáveis área, ocupação, católico praticante em função do estado civil	39
Tabela 4. Diferenças entre as variáveis sócio-demográficas em função da etnia	40
Tabela 5. Diferenças entre a variável área em função da ocupação	41
Tabela 6. Diferença entre as variáveis sócio-demográficas em função dos sexos	42
Tabela 7. Estatística descritiva das variáveis estudadas	47
Tabela 8. Diferença de médias entre católicos praticantes e não praticantes para as dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade	48
Tabela 9. Diferença de médias entre meio urbano/ rural para as dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade	49
Tabela 10. Diferença de médias entre idades para as dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade	51
Tabela 11. Diferença de médias entre sexos para as dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade	52
Tabela 12. Diferença de médias entre Estado Civil, Desejabilidade Social, Dimensões da Religiosidade e Factores de Personalidade	56
Tabela 13. Diferença de médias entre Etnia, Desejabilidade Social, Dimensões da Religiosidade e Factores de Personalidade	58
Tabela 14. Diferença de médias entre Ocupação, Desejabilidade Social, Dimensões da Religiosidade e Factores de Personalidade	62

Tabela 15. Correlações entre Dimensões da Religiosidade e os Factores de Personalidade	63
Tabela 16. Correlação entre a Afectividade e os Factores de Personalidade	65
Tabela 17. Correlação entre Desejabilidade Social e os Factores de Personalidade	66
Tabela 18. Correlação entre as Dimensões de Religiosidade com a Afectividade e a Desejabilidade Social	67
Tabela 19. Correlações entre as Dimensões da Religiosidade e os Factores de personalidade na Área Urbana	68
Tabela 20. Correlações entre a Afectividade e Factores de Personalidade na Área Urbana	69
Tabela 21. Correlações entre Desejabilidade Social e Factores de Personalidade na Área Urbana	70
Tabela 22. Correlações entre Afectividade, Desejabilidade Social e as Dimensões de Religiosidade na Área Urbana	71
Tabela 23. Correlações entre Dimensões da Religiosidade e Factores de Personalidade na Área Rural	72
Tabela 24. Correlação entre a Afectividade e Factores de Personalidade	73
Tabela 25. Correlações entre a Desejabilidade Social e Factores de Personalidade na Área Rural	74
Tabela 26. Correlações entre as Dimensões da Religiosidade, a Afectividade e a Desejabilidade Social na Área Rural	75

Introdução

Ao longo da história da humanidade, têm sido numerosas, as formas pelas quais o homem tem procurado preencher a carência de busca de sentido. É possível citar, de entre as diversas maneiras: a arte, a música, a ciência e a religião. A psicologia, mesmo tendo emergido vinculada, ao modelo de ciência natural, consagrou-se como a ciência que estuda o comportamento humano, e desta forma, é notável que desde o início, se tenha preocupado, em estudar o comportamento religioso, e mais tarde a espiritualidade. De acordo com Paiva (2005), a primeira manifestação para o estudo da espiritualidade deu-se na escola de Nijmegen, na Holanda, e assim se infiltrou na cultura norte-americana, a partir dos anos 60, época que coincidiu com o surgimento da psicologia humanista, cuja ideia de espiritualidade se desvinculou da tradicional concepção de ‘Espírito Santo’ e adoptou a crença num espírito humano, capaz de intuição, de afecto e de actualização de seu potencial (Rican, 2004).

A religião tornou-se um tema de interesse em diferentes ramos das ciências, incluindo a psicologia, que, ao estudar o homem, não indagou a sua opção religiosa, propondo-se apenas a compreendê-lo. De acordo com James (1995, p. 16), “para o psicólogo, as tendências religiosas do homem hão de ser, pelo menos, tão interessantes quanto quaisquer outros factores pertencentes à sua constituição mental”.

Inúmeros foram os autores, na área da psicologia, que manifestaram a sua opinião acerca da religião. Um desses autores foi Freud (1974, p. 57), que considerou a atitude religiosa, uma patologia ou transtorno neurótico. Segundo o autor, “...a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva da criança, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai”. Assim, Freud reduz o fenómeno religioso a um fenómeno do complexo de Édipo. Por sua vez, Allport (1975) considerou as ideias da psicanálise equivocadas, quando concebiam a religião, apenas como uma função defensiva do ego, em vez de concebê-la como núcleo integrador do desenvolvimento do ego. Já a concepção sociológica de Durkheim (1996) sobre a religião defende que a mesma seria um sistema de mitos, dogmas, ritos e cerimónias, que tem como função ligar o homem à sociedade.

O estudo realizado surge após uma vasta pesquisa, em que foi denotada uma quase inexistência de estudos sobre a relação entre religião, traços de personalidade e meio rural/urbano.

Trata-se de um estudo envolvendo o meio rural e o meio urbano em que fica demonstrado que as mentalidades destes dois meios distintos, entre si naturalmente, são também influenciadas de formas diferentes, pela religião cristã no caso da amostra em particular.

Se estes dois meios são tão distintos, na vida quotidiana e na forma como a encaram, certamente que irão ser também diferentes os moldes de encararem e questionarem a religião ou aceitarem os seus desígnios.

A relação entre religiosidade/espiritualidade e saúde foi examinada em publicação que revisou mais de 1.200 estudos realizados ao longo do século XX: a *The handbook of religion and health*. Nele, os autores afirmaram que a religião continua a ter um papel significativo na vida das pessoas, mesmo depois de importantes avanços em áreas como educação, psicologia e medicina. As relações entre religiosidade e saúde têm sido cada vez mais investigadas e as evidências têm apontado para uma relação, habitualmente positiva entre indicadores de envolvimento religiosos e de saúde mental (Moreira-Almeida, 2006).

O estudo efectuado pode servir, para formar consciência, para interagir entre pares, para solucionar problemas de comportamento, para mostrar como a fé em Deus pode influenciar a personalidade e mostrar a forma como o meio ambiente, pode influir na personalidade. Criando assim mais um meio disponível para a constante procura da homogenização da sociedade que nos rodeia.

A estrutura da personalidade humana deve pelo menos ter em conta que a religião, para além de ser um fenómeno sociológico ou histórico, vai influenciar fortemente todas as ramificações da personalidade.

Capítulo I – Traços de Personalidade

1.1 Definição de personalidade

Sabemos que, nós, seres humanos, diferimos na inteligência, na forma física, entre muitos outros aspectos, mas também diferimos quanto aos nossos desejos principais, aos sentimentos e no modo como nos exprimimos. Diferimos no modo como nos olhamos e julgamos a nós próprios e diferimos quanto às nossas perspectivas em relação ao mundo e ao futuro. Todas estas distinções estão contidas no título geral de diferenças de personalidade. Este facto de haver diferenças de personalidade, está longe de ser uma descoberta recente - já era provavelmente conhecida desde os tempos pré-históricos. Os homens Cro-Magnons seguramente sabiam que entre eles, não eram todos iguais; gostavam provavelmente de uns e de outros não; e passavam presumivelmente algum tempo cavaqueando com o vizinho sobre o Cro-Magnons da caverna do lado. Mas talvez nem o reconhecessem, não o faziam por consciência de si próprios; e é provável que não tivessem ideias explícitas sobre as maneiras como as pessoas são diferentes.

Estas formulações mais claras surgem mais tarde. No essencial foram obras de diferentes autores que se debruçaram com a representação do carácter. Um exemplo é o de uma série de histórias intituladas “Os Caracteres”, escrita no século IV pelo filósofo grego Teofrasto (370-287 a.c). “Os Caracteres” retratavam diversos tipos como o Cobarde, o Bajulador, o Rústico e outros. Mais influentes ainda do que esses esforços literários eram o dos escritores das peças de teatro. A própria origem da palavra personalidade, que deriva do latim *persona* = máscara, onde agrupa inúmeros significados que são, em maior ou menor grau, influídos pelo aspecto particular que se pretende focalizar da pessoa como entidade dotada de propriedades individuais (Cabral, 2006), sugere uma relação possível entre a representação dramática da personagem e as tentativas do psicólogo, para as descrever e compreender. *Persona*, que significa mais especificamente no latim soar, é agregado à máscara, porque o soar era o som proveniente das máscaras usadas pelos actores de teatro para ajudar a projectar a voz, uma vez que estas funcionavam como megafones. Os latinos, à semelhança dos Gregos, de quem herdaram grande parte da sua cultura, usavam essas máscaras. As máscaras mostravam o papel desempenhado pelos actores ao longo do desenrolar da peça. Assim, a personalidade é aquilo que se mantém constante ao longo da

“actuação” que é a nossa vida. Para enfatizar esta afirmação podemos recordar o que escreveu Shakespeare no século XVI no *As you like it* : “ All the world is a stage and men and woman merely players...” - o mundo inteiro é um palco e os homens e as mulheres não passam de actores - (John Crowther, 2004 ,p. 96).

O início das pesquisas sobre os diversos tipos de personalidade data do início do século XX, apesar de Aristóteles, Platão e outros filósofos do século V a.C. já recaíssem sobre temas como aprendizagem, memória, motivação, percepção, actividade onírica e comportamento anormal (Schultz, 1981).

São muitas as definições de personalidade, mas são dois os aspectos comuns que se estabelecem nas diferentes definições, as diferenças entre pessoas e a estabilidade e consistência. G. Allport refere em 1961, que a personalidade é uma organização dinâmica, no sujeito, dos sistemas psicofísicos, que determina os seus comportamentos e pensamentos característicos. Esta afirmação está claramente marcada pelo pensamento do autor, que vê a personalidade, como um sistema organizado, fisiológico e psicológico, que acarreta certos comportamentos e pensamentos característicos das suas relações com o ambiente, o que corresponde a dizer que a especificidade de um tal sistema pode avaliar-se pelos pensamentos e comportamentos dos indivíduos nas suas relações com o ambiente. Na perspectiva de Cattell (1975), a personalidade é um conjunto de traços, que predispõe o indivíduo a agir, de determinada maneira, num conjunto de situações. Para Maddi (1980), a personalidade, é um conjunto sólido de características e tendências que determinam as semelhanças e dissemelhanças no comportamento psicológico das pessoas (os seus pensamentos, sentimentos e acções), que tem continuidade no tempo; para Singer, (1986), a personalidade é a forma singular do sujeito se expressar e reagir a um estímulo, formado através dos anos a partir de uma estrutura básica genética e das experiências de vida, principalmente da infância.

Convencionalmente, as definições de personalidade excluem as diferenças físicas e, a maioria, as diferenças intelectuais, embora reconhecendo que ambas influenciam a personalidade e o comportamento dos sujeitos. Contudo, muitas teorias consideram o conjunto destes aspectos (físicos e intelectuais) como parte do constructo da personalidade. Muitos são os teóricos que abordam esta temática e que nos dão definições acerca da personalidade, mas ressaltaremos mais um teórico que nos diz que a personalidade exhibe as características da pessoa ou das pessoas em geral, que contribui para padrões consistentes de comportamento (Pervin, 1978). Após estas definições, pode dizer-se, outra vez, mas de uma

forma mais sucinta, que a personalidade é o que distingue um indivíduo de outro, é também o que o une ao outro. A partir disso, podemos admitir, em pleno, que todas as personalidades são diferentes categorias, com base em certos traços comuns, traços, estes que se falará mais adiante.

A personalidade pode ser considerada como atributo do indivíduo, ou representação máxima da sua individualidade (Leontiev, 1978). Tendo em conta esta premissa, podemos ver a personalidade como uma auto-construção desta individualidade, através da conquista da sua genericidade, ou seja, como uma síntese de processos biológicos e psicológicos que em interacção dialéctica com o meio, transforma o sujeito graças à sua acção e consciência (Sève, 1979). Deste modo, de forma sumária, há dois factores que tem de ficar sublinhados como contribuintes da personalidade, que são os hereditários e os ambientais. Como refere Oliveira (2002, p. 52), a análise da personalidade do sujeito “pressupõe a compreensão da organização idiossincrática de todos os seus atributos mentais e dos registos em que estes se manifestam”.

A personalidade é a síntese integral das actividades psíquicas, e atributo característico único dos seres humanos. Segundo Allport (1966), é difícil dizer que um bebé recém-nascido tenha personalidade, pois não tem a organização característica de sistemas psicofísicos, ou seja, o funcionamento da personalidade inseparável corpo e mente. Mas afirma que a personalidade começa no nascimento, que o bebé tem uma personalidade potencial, sendo quase inevitável que certas capacidades se desenvolvam. Para Allport (1966), existem ‘materiais brutos’ que formam a personalidade, como a inteligência, o físico e o temperamento e são os aspectos da personalidade que mais dependem da hereditariedade. O temperamento segundo o autor refere-se aos fenómenos característicos da natureza emocional do indivíduo, incluindo a susceptibilidade à estimulação, a intensidade e rapidez usuais de resposta, a sua disposição bem como as peculiaridades de flutuação e intensidade de disposição. Na metade do século XX Pavlov apud Kalinine & Schonardie Filho (1992), com base em investigações sobre o funcionamento do sistema nervoso nos animais, observaram que a capacidade dos seres vivos de se adaptarem nas suas vidas ao seu meio ambiente, depende do seu tipo de sistema nervoso. Desta forma, facilmente podemos perceber pessoas que vivem num mesmo local e que tiveram aparentemente os mesmos estímulos agirem de maneira diferente, por exemplo, pessoas que precisam constantemente de estímulos para produzir, outras auto-suficientes; pessoas mais retraídas e outras mais alegres e assim por diante, mas outro autor fala-nos que relativamente, em poucos grupos e comunidades isoladas,

os indivíduos apresentam padrões de comportamento e reacções emocionais comuns, qualificados por alguns estudiosos como traços de "personalidade básica" (Kardiner, 1945). A personalidade pode ser considerada tanto como um produto das nossas predisposições inatas, como das nossas experiências de vida adquiridas à medida que crescemos. Factores fisiológicos e sociais modelam a nossa história pessoal e colectiva. Enquanto cada indivíduo é único, na sua combinação desses factores, existem certas características adquiridas que temos em comum com outros indivíduos das nossas famílias, subgrupos ou comunidades (Kardiner, 1945).

Com a escala e complexidade crescentes dos grupos sociais, a diversidade tenderá a prevalecer sobre a uniformidade. As pessoas propendem quase que naturalmente a associarem-se, com aquelas que têm atributos de personalidade similares, ao passo que podem-se sentir distantes e menos confortáveis com pessoas que apresentem personalidades dissemelhantes (Kardiner, 1945).

Não somente os indivíduos, mas também os grupos, organizações e culturas têm também as suas personalidades. Como os biólogos que falam sobre atributos genéticos recessivos e dominantes, também podemos levantar hipóteses sobre traços de personalidade recessivos e dominantes dos seres humanos, fortemente influídos pelo ambiente social e cultural. Traços de personalidade como introversão e extroversão, atitudes agressivas ou submissas, pensamento conservador ou reformador, podem ser indubitavelmente identificados pelos membros de uma mesma cultura, mas não podem ser identificados com a mesma facilidade por indivíduos de outros cenários culturais/ambientais (Kardiner, 1945). A variedade do meio ambiente e diferentes estruturas de personalidade tendem a separar as pessoas e tornar difíceis os seus contactos e a interacção. Contudo, educação e trajectórias ocupacionais parecidas tendem a avizinhar indivíduos de diferentes grupos étnicos, religiosos e culturais. Ou seja, status e papéis similares vão ligar membros de sociedades diferentes que desenvolvem a mesma ideologia, definida como um conjunto de crenças e valores que reflecta uma "visão de mundo", ¹Weltanschauung, e que legitime "meios e fins", sejam eles utópicos ou utilitários. Religiões preocupadas com o advento da era messiânica, assim como doutrinas

¹ Weltanschauung é a orientação cognitiva fundamental de um indivíduo ou de toda uma sociedade. Essa orientação abrange tanto a sua filosofia natural quanto os seus valores fundamentais, existenciais e normativos. É uma palavra de origem alemã que significa literalmente visão do mundo ou cosmovisão (Palmer, 1996).

proclamando o ‘fim da História’ - as quais prescrevem o comportamento adequado para alcançar os fins desejados - devem ser consideradas como ideologias em sua essência(Geertz, 1989). Estudos com gêmeos monozigóticos têm confirmado a tese que diferentes experiências sociais determinam personalidades diferentes (Mead, 1954). E a psicanálise ensina-nos sobre a importância do evento fortuito na história como factor determinante no desenvolvimento da personalidade. Estudos com adultos demonstram que muitos dos seus padrões de comportamento são derivados de processos de condicionamento na primeira infância (Mead, 1949). Em meados do século passado, após a publicação seminal de ‘Patterns of Culture’ (Benedict, 1989) vários antropólogos e psicanalistas desenvolveram pesquisas baseadas no teorema da estrutura de uma ‘personalidade básica’, para explicar as relações recíprocas entre o meio ambiente e personalidade. A formulação de uma tipologia ideal representada pelas configurações ‘dionisiaca’ e ‘apolínea’, embora questionada e polemizada posteriormente, ainda exerce enorme influência nos estudos antropológicos e pedagógicos até o presente.

1.2 Traços de personalidade

Antes de falar sobre o que é o traço, seria importante debruçarmo-nos sucintamente acerca da Teoria dos Traços. O estudo de teorias da personalidade recebeu grande impulsionamento com as publicações de Sigmund Freud a partir de 1900. Conforme a teoria psicanalítica, a personalidade tem como factores propulsores os instintos - de vida, que remete à auto-preservação e de morte, que é uma força destrutiva. Estes por sua vez, agregam aspectos conscientes e inconscientes que formam o arcabouço da estrutura psíquica. Associadas a estes aspectos, tem-se ainda as experiências gratificantes ou traumáticas durante o desenvolvimento infantil (nas fases oral, anal, fálico e genital, passando pelo complexo de Édipo) que completam a estrutura psíquica que se manifestará na personalidade (Freud, 1948). Entende-se por teoria dos traços as abordagens que concebem a personalidade do indivíduo como um grupo de traços.

A proveniência da Teoria da Personalidade, deve-se aos técnicos de saúde e às necessidades das suas práticas, visto que a formação dos pioneiros nesse campo, é o resultado da combinação das suas teorias da personalidade, com a prática psicoterapêutica como meio de tratamento de doenças mentais, no esforço de entender tanto a natureza básica do ser humano, quanto os desvios e as peculiaridades do seu sistema nervoso. À medida que a

psicologia se desenvolve de uma análise introspectiva da mente humana para uma ciência do comportamento humano emerge a necessidade do estudo da personalidade ser retirado do domínio médico e psicoterapêutico, para se tornar parte global de uma psicologia científica. Há ainda, os processos motivacionais, os quais de acordo com Machado (1997) assumem um papel relevante e decisivo para a adaptação do ser humano no meio. Essa relação pelo interesse dos processos funcionais e motivacionais origina uma compreensão adaptada do comportamento humano que só será possível a partir do estudo da sua personalidade total (Machado, 1997). A teoria dos traços estuda os comportamentos do sujeito para poder compreendê-lo. O molde como se explica os traços baseia-se, quer nos factores hereditários, predisposição que o sujeito tem para o desenvolvimento de vários tipos de traços, quer nos factores ambientais.

O primeiro professor a leccionar um curso sobre a teoria da personalidade numa universidade foi Gordon W. Allport (1897-1967), com a tese ‘Um estudo experimental dos traços de personalidade’, que seria a base dos futuros estudos na psicologia da personalidade. De acordo com Allport (1961), cada pessoa tem um certo número de traços específicos, que constituem e predominam na sua personalidade, o que ele denominou traços centrais.

Segundo este, o traço é um sistema neuropsíquico geral e dirigido para um determinado ponto, peculiar ao indivíduo, com a capacidade de tornar funcionalmente equivalentes muitos estímulos, e para iniciar e conduzir formas equivalentes de conduta adaptativa e expressiva; uma predisposição para responder às situações de modo particular; propensões que influenciam as reacções do sujeito numa determinada situação. É uma aglomeração de vários comportamentos habituais de um sujeito.

Os traços progridem ao longo do tempo, com a experiência, podem mudar à medida que o sujeito aprende novas maneiras de se adaptar ao mundo (Cloninger, 1996). Allport (1966) fazia uma distinção entre traços individuais que é próprio de uma única pessoa, e traços comuns, próprio de muitas pessoas, cada qual com um momento diverso. De acordo com Allport (1966), a unidade básica da personalidade é denominada de traço.

Segundo Telles (1982), a personalidade e todos os seus traços resultantes são entendidos como uma característica duradoura do indivíduo e que se manifesta na maneira consciente de se comportar numa ampla variedade de situações, unem-se numa construção física única, a pessoa. Cada indivíduo tem uma constituição física característica; desta resulta o seu temperamento. Destes dois, em contacto com o meio físico e social, surgem o carácter e

grande parte dos restantes traços de personalidade. Tudo isso se harmoniza numa crescente integração em torno da parte subjectiva do “eu”. Do nascimento à vida adulta, o indivíduo vai estruturando progressivamente as situações do meio e reage às mesmas, de maneira padronizada, ajustando-se cada vez melhor ao seu meio. Assim, a personalidade segundo Allport (1966), vem a ser a organização dinâmica dos variados sistemas físicos, fisiológicos, psíquicos e morais que se integram, determinando a forma pela qual o indivíduo se ajusta ao ambiente.

1.3 Definição da abordagem dos cinco factores

As teorias factoriais da personalidade, podem ser conceituadas como um delineamento matemático da estrutura da personalidade, que reflecte uma síntese de características básicas, considerando-se as suas principais propriedades e as relações entre elas (Pervin & John, 2004). De acordo com estas teorias, a personalidade pode ser entendida como um conjunto de padrões estáveis das dimensões afectivas, cognitivas e comportamentais dos seres humanos.

O modelo do ‘Big Five’ teve o início, da sua construção na década de 30, do século XX, quando McDougall sugeriu analisar a personalidade a partir de cinco factores independentes que, na época, foram apelidados de intelecto, carácter, temperamento, disposição, e humor (John, Angleitner, & Ostendorf, 1988). Nessa mesma época, na Alemanha, Klage (John, Angleitner, & Ostendorf, 1988) sugeria uma análise da linguagem para compreender os traços da personalidade. Isso levou a que outro se debruçasse sobre o mesmo assunto, com esse trabalho, Baumgarten teve uma influência fundamental sobre Allport que, em conjunto com Odbert, examinou cerca de 400.000 palavras do *Webster's New International Dictionary*, derivando 4.500 descritores de traços de personalidade, estudo que muito influenciou Cattell nas suas publicações na década de 40 (Briggs, 1992). As publicações de Cattell (1946) e Eysenck (1967) ocupavam a literatura como os principais modelos obtidos através da análise factorial, quando Robert McCrae e Paul Costa (1989), no centro de pesquisas de Gerontologia do *National Institute of Health* em Baltimore, Maryland, onde trabalhavam, iniciaram um amplo programa de pesquisas que identificou os chamados cinco grandes factores.

Na construção da sua teoria, Cattell, baseou-se em análises factoriais de descrições de personalidade obtidas através de entrevistas, questionários e avaliações entre pares. Atribui-se a Cattell o desenvolvimento de uma metodologia que permitiu agrupar de forma objectiva

centenas de descritores de traços (Digman, Hutz, Nunes, Silveira, Serra, Antón & Wiczorek, 1998). Para isso, Cattell partiu da abordagem lexical, onde utiliza os descritores encontrados na linguagem natural das pessoas como fonte para encontrar as principais características da personalidade humana (García, 2006). A sua pesquisa resultou num modelo baseado em 16 factores primários que se combinava a seis factores de segunda ordem sendo operacionalizado por meio do instrumento Sixteen Personality Factor Questionnaire (16PF; Eber & Tatsuoka apud Noller et al, 1987; García, 2006).

A teoria de Eysenck (1967), diverge da de Cattell (1946), não está baseada na linguagem, mas em parâmetros biológicos dos traços. Assim sendo, Eysenck considerava como traços do temperamento, aquelas características que tivessem uma base biológica obtida através de estudos correlacionais e experimentais (García, 2006). Nesta directriz, na década de 50 do século XX, desenvolveu-se o Eysenck Personality Inventory (EPI; Eysenck & Eysenck, apud García, 2006), que avaliava a introversão e o neuroticismo. Mais tarde, na década de 1970, com o objectivo de estudar as diversas formas de psicoses, desenvolveu-se o Eysenck Personality Questionnaire (EPQ, Eysenck & Eysenck apud García, 2006). Este instrumento trouxe uma novidade ao anterior: a inclusão do terceiro factor ao modelo de Eysenck, o chamado factor de Psicoticismo (Eysenck & García, 2006) e, a partir desse momento, a teoria de Eysenck passou a ser conhecida como sistema PEN (Psicoticismo, Extroversão e Neuroticismo). O factor Psicoticismo reúne características como egocentrismo, frieza, agressividade, impessoalidade, impulsividade, falta de empatia, criatividade, obstinação e anti-sociabilidade. Esse factor é definido pela tendência a ser solitário e insensível, mas a aceitar os costumes sociais e interessar-se por outras pessoas. A Extroversão inclui factores primários de sociabilidade, vitalidade, actividade, assertividade, busca de sensações, dominância. Deste modo, a dimensão introversão caracteriza-se pela disposição a ser quieto, reservado, reflexivo e evitar riscos, enquanto a dimensão extroversão caracteriza-se pela disposição para ser sociável, simpático e correr riscos. Por fim, o Neuroticismo caracteriza a ansiedade, depressão, sentimentos de culpa, baixa auto-estima, tensão, irracionalidade, timidez, tristeza e emotividade (Pervin & John, 2004).

Diversos estudos (Digman, 1979, Digman & Inouye, 1986) apontam que o teste desenvolvido por Eysenck, EPI, subvaloriza o número de factores necessários para avaliar a personalidade. Por outro lado, os mesmos estudos apontam que Cattell, no 16PF, sobrevaloriza as dimensões ao utilizar 16 factores. Depois deste resumo a estas duas teorias da

personalidade vamo-nos debruçar sobre o Modelo dos Cinco Grandes Factores de McCrae e Costa que é a abordagem teórica de base ao estudo.

O ‘Big Five’ ou Modelo dos Cinco Grandes Factores nasceu dos estudos sobre a teoria dos traços de personalidade, representando um avanço conceitual e empírico desta área, pois descreveu dimensões humanas básicas de forma consistente e replicável. (McCrae & Costa, 1989). Considerado então como uma versão moderna da teoria do traço, busca compreender a essência da natureza humana de acordo com suas diferenças individuais (McCrae & John, 1992). O modelo considera que a personalidade é constituída por cinco grandes traços: o primeiro é a Extroversão, segundo a Amabilidade, o terceiro é a Conscienciosidade, o quarto é o Neuroticismo e o quinto a Abertura para Experiência. O modelo dos cinco grandes factores é proveniente de um grande número de pesquisas na área da personalidade, a partir da teoria factorial e das teorias dos traços de personalidade. A partir da teoria factorial, que é identificada por uma metodologia de pesquisa peculiar e com base empírica, uma série de modelos concorrentes surgiram na segunda metade do século passado.

Com o avanço das técnicas factoriais e de computação, métodos mais sofisticados de localização e extracção de factos foram sendo desenvolvidos, e com isso, gradativamente, este modelo foi sendo reconhecido como o que melhor explica as observações que foram feitas nas pesquisas na área da personalidade.

Os cinco factores foram descobertos a partir da análise de descritores da personalidade, encontrados na linguagem natural. Partiu-se da hipótese lexical fundamental, que afirma que "as diferenças individuais mais importantes nas transacções humanas serão codificadas como termos únicos em algumas ou em todas as línguas do mundo" (Goldberg apud Pervin & John, 2004, p. 215). Sendo assim, o modelo dos cinco grandes factores parte do pressuposto de que todos os aspectos da personalidade humana que têm alguma importância estão registados na linguagem natural. (Cattell apud McCrae, 2006). O surgimento destes cinco factores léxicos possibilitou a elaboração de uma taxonomia, através da qual é possível classificar todos os traços de personalidade reconhecidos tanto por psicólogos quanto por leigos (McCrae, 2006). O modelo dos cinco grandes factores, além disso, abriu caminho ao desenvolvimento de novos instrumentos criados especificamente para avaliar os factores (De Raad & Perugini apud McCrae, 2006). Este tem sido o modelo mais utilizado em pesquisas sobre personalidade, por se ter mostrado abrangente e conciso. Embora se considerem os traços de personalidade como biologicamente fundamentados, o modelo dos

cinco grandes factores reconhece que existem adaptações psicológicas aprendidas a partir das experiências quotidianas (McCrae, 2006). Dessa forma, os traços de personalidade serviriam como um auxílio à forma como interpretamos o nosso ambiente e respondemos a ele, o que explica as diferenças individuais. O modelo dos cinco grandes factores “sustenta que os traços com base biológica interagem com o ambiente social para orientar nosso comportamento a cada instante” (McCrae, 2006, p. 215).

Apesar de existirem algumas controvérsias em relação à denominação de cada factor, de acordo com a nomenclatura utilizada no manual do Inventário de Personalidade NEO revisto (NEO PI-R), temos: Extroversão, Neuroticismo, Abertura à Experiência, Conscienciosidade e Amabilidade. A Extroversão corresponde ao nível de sociabilidade de um indivíduo. Características como actividade (alto nível de energia), disposição, optimismo e afectuosidade fazem parte da definição de um indivíduo extrovertido. Por outro lado, os introvertidos são sérios e inibidos e evitam a companhia de outras pessoas. Não são necessariamente tímidos, já que podem possuir um bom nível de habilidades sociais.

O Neuroticismo diz respeito à instabilidade/estabilidade emocional de um sujeito (McCrae & John, 1992). Este traço refere-se a emoções negativas, como ansiedade, desamparo, irritabilidade e pessimismo. Sujeitos com altos valores nesse factor tendem a ser bastante preocupados, melancólicos e irritados. Usualmente são ansiosos e apresentam mudanças frequentes de humor e depressão. Pendem a sofrer de transtornos psicossomáticos e apresentam reacções muito intensas a todo tipo de estímulos. Por outro lado, o sujeito estável tende a responder a estímulos emocionais de maneira controlada e proporcionada. Regressa rapidamente ao seu estado normal após uma elevação emocional. Em norma é equilibrado, calmo, controlado e despreocupado (Costa & Widiger, 1993). A Abertura à Experiência pode caracterizar-se por um interesse intrínseco na experiência numa vasta variedade de áreas. Abrange traços como flexibilidade de pensamento, fantasia e imaginação, interesses culturais, versatilidade e curiosidade. Indivíduos fechados, opostamente, preferem o conhecido e a rotina e prezam os valores tradicionais (Costa & Widiger, 1993). A Amabilidade refere-se a traços que levam a atitudes e a comportamentos pró-sociais. Sujeitos com altos valores neste factor têm tendência a serem socialmente agradáveis, calorosos, dóceis, generosos e leais. Ao passo que, aqueles que apresentam, baixa cordialidade são mais preocupados com os seus próprios interesses e desconfiam facilmente das outras pessoas (Costa & Widiger, 1993). A Conscienciosidade refere-se ao senso de contenção e sentido prático. Indivíduos com alta

responsabilidade são zelosos e disciplinados, expondo características como honestidade, engenhosidade, cautela, organização e persistência. Já os que têm baixa responsabilidade são relaxados e sem ambição. Provavelmente, são mais distraídos e até mesmo preguiçosos, sendo facilmente desencorajados a cumprir uma tarefa (Costa & Widiger, 1993).

Segundo o modelo dos cinco grandes factores, cada traço da personalidade subdivide-se em seis facetas inter-relacionadas, que podem ser definidas como factores primários do traço em questão (García, 2006). As facetas possuem o relevante papel de representar da melhor maneira possível a amplitude e o alcance de cada factor (McCrae, 2006), proporcionando informações mais detalhadas que não estão reflectidas no traço temperamental por si só (García, 2006).

Um dos principais motivos da actual predominância do modelo dos cinco grandes factores é a sua replicabilidade (García, 2006). Os cinco factores já foram encontrados independentemente do país, dos instrumentos de medição utilizados e da pessoa que é avaliada (García, 2006). Estudos transculturais foram realizados para mostrar se os cinco grandes factores eram encontrados em diferentes línguas e sociedades. McCrae e Costa (1997) servindo-se da tradução revista do Neo-Pi (instrumento que avalia a personalidade a partir do modelos dos Cinco grandes factores) para seis línguas diferentes (Português, Alemão, Hebreu, Chinês, Coreano e Japonês) constaram que em todas as versões do instrumento foi possível a compreensão dos dados a partir do modelo dos cinco grandes factores. Com base nestes resultados e em um acumulo substancial de outras evidências, foi proposta a hipótese de universalidade dos cinco grandes factores. É argumentado que a universalidade pode ser atribuída à existência de um conjunto de características biológicas da nossa espécie, representada por traços, ou pode representar simplesmente uma consequência psicológica das experiencias humanas compartilhadas na vida em grupo (McCrae & Costa, 1997). Estas evidências representam, além de um critério de validação do modelo dos cinco grandes factores, a validação também dos traços de personalidade em geral.

Capítulo II – A Religião

2.1 Conceção sobre a religião

Torna-se pertinente explicar o conceito de religião visto que se pretende abordar o fenómeno religioso. A religião é um termo da língua latina que pode ter interpretações distintas: *re-legio* significando *re-ler* ou *re-legio* representando *re-ligar*, que significa tentativa humana de *religar-se* à sua origem (Religião, 2006; Benko). Visto que a palavra religião não é traduzível de modo universal, desempenhando certo sentido particularmente conforme o contexto cultural e histórico vigente, este trabalho apresenta a palavra religião associada ao conceito junguiano.

As exteriorizações religiosas e simbólicas que cercavam Carl Gustav Jung, filho de um pastor protestante, sempre lhe chamaram a atenção. Foi através de uma análise cuidadosa e atenta destas representações na mente humana, que ele pôde reconhecer como conteúdos arquetípicos da alma as manifestações colectivas que empanam as mais diversas religiões. Agnóstico pela metafísica e gnóstico pela experiência, Jung via a religiosidade como uma função natural e inerente à psique. Chegava a considerá-la, como aponta Silveira (1994), um instinto, um fenómeno genuíno. A religião era vista mais como uma atitude da mente do que qualquer credo, sendo esta, uma forma codificada da experiência religiosa original. Jung encarava todas as religiões válidas, visto que todas recolhem e conservam imagens simbólicas advindas do inconsciente, elaborando-as nos seus dogmas e, assim, realizando vínculo com as estruturas básicas da vida psíquica. "As organizações ou sistemas são símbolos que capacitam o homem a estabelecer uma posição espiritual que se contrapõe à natureza instintiva original, uma atitude cultural em face da mera instintividade. Esta tem sido a função de todas as religiões." (Jung, 1997, p. 57)

Como descrito anteriormente este também entendia o termo como *religio* e *religare*, ou seja, tornar a ligar. E via a religião precisamente com a função de ligar o consciente a factores inconscientes importantes. Para o autor, a libido que constrói imagens religiosas, representa o laço que nos liga à nossa origem. Para designar a vivência do contacto com tais factores e a forte emoção descrita pelos que a vivenciam, Jung apossou-se do termo criado por Rudolf Otto: numinoso. Via, então, a religião como uma observação conscienciosa e acurada do

²‘*numinoso*’, ou seja, um efeito dinâmico ou existência que domina o ser humano; é independente de sua vontade.

De acordo com Tardan-Masquelier, 1994, o termo ‘religião’ subdivide-se em duas interpretações intimamente divergentes, sem por isso serem irreconciliáveis. De um lado, uma confissão que toma a sua origem numa profissão de fé determinada e, de outro, uma experiência ou uma série de experiências primordiais, nas quais o homem entra em relação com um sagrado que provoca nele o sentimento do numinoso. A segunda definição de religião, no sentido da experiência religiosa anterior a qualquer especificação confessional, com a própria aprovação de Jung, constitui um domínio electivo para a sua psicologia. Para o gnosticismo³, há uma divisão do indivíduo em corpo, alma e espírito, o que permite classificar os homens em hyléticos⁴, psíquicos e pneumatológicos⁵. Assim, Jung acreditava que a grande função da religião era evitar dissociações neuróticas da psique, o que se consegue através do autoconhecimento, do embate entre o Ego e o Self, entre a realidade física e a psíquica.

Ele pontuava que a causa de inúmeras neuroses estava principalmente no facto de as necessidades religiosas da alma não serem mais levadas a sério, "devido à paixão infantil do entendimento racional. (...) o que importa já não são os dogmas e credos, mas sim toda uma atitude religiosa, que tem uma função psíquica de incalculável alcance." (Jung, 1999, p. 44)

Ou seja, é relevante para o homem desenvolver uma atitude religiosa, independente do credo ou do dogma.

Antes de se continuar a discorrer sobre a visão junguiana sobre a religião, deve esclarecer-se um pouco a teoria do autor sobre a psique; a sua estrutura e funcionamento. Para o autor, a

² *Numinoso*: termo cunhado por Rudolf Otto (1869-1937) derivado do termo latino *numen*, que significa deidade ou influxo divino. O elemento *numinoso* é “uma categoria especial de interpretação e de avaliação e, da mesma maneira, de um estado de alma *numinoso* que se manifesta quando esta categoria se aplica, isto é, sempre que um objecto se concebe como *numinoso*”. (Bay, 2004)

³ Ecletismo que visa conciliar todas as religiões por meio da gnose, que por sua vez é um conhecimento esotérico da divindade. (cf. Ferreira, 1993)

⁴ Referente à teoria da hylé: substrato das coisas materiais.

⁵ Referente à pneumatologia: tratado dos espíritos; seres intermediários que formam a ligação entre Deus e o Homem. (*id.*)

psique seria formada por vários sistemas, distintos, sendo, os principais o Ego, o Self, o inconsciente pessoal e os seus complexos, o inconsciente colectivo e os seus arquétipos (entre outros a *persona*, a *anima*, o *animus* e a sombra). Além destes sistemas interdependentes, existiriam ainda as atitudes de introversão e extroversão e as funções de pensamento, sentimento, sensação e intuição. A psique seria um sistema de energias parcialmente fechado, onde a energia de fontes externas deveria ser acrescentada ao sistema.

Os estímulos ambientais também produziriam mudanças na distribuição da energia interna do sistema. O facto de a dinâmica da personalidade estar sujeita a influências e modificações de fontes externas significa que a personalidade não é capaz de atingir um perfeito estado de estabilização, o qual só seria possível se ela fosse um sistema completamente fechado, sendo, portanto, um estado ideal. Jung acreditava que quanto mais profundas fossem as camadas da psique, mais perderiam a sua originalidade individual. Segundo Jung, "consciência não se cria a si mesma, mas emana de profundezas desconhecidas. Na infância, desperta gradualmente e, ao longo da vida, desperta cada manhã, saindo das profundezas do sono, de um estado de inconsciência. É como uma criança nascendo diariamente do seio materno". (Jung, 1999, p.353). As profundezas aludidas por ele residiriam em cada ser e as suas dimensões seriam inúmeras: o inconsciente. Logo, seriam dois os níveis de estruturas psíquicas que formam o psiquismo: o consciente e o inconsciente. Segundo o Jung, a consciência seria um fenómeno intermitente, produto da percepção e orientação no mundo externo, surgindo quando se percebe que se "é". Ela cobriria o inconsciente e dele germinaria. Ele afirmava que, teoricamente, seria impossível fixar limites para a consciência, visto que ela poderia estender-se indefinidamente, mas, empiricamente, ela encontraria os seus limites quando atinge o desconhecido. Desconhecido este que se dividiria em dois grupos: os exteriores e os interiores, que seriam o objecto da experiência imediata. Aos últimos chamou inconsciente. De suma, o inconsciente pessoal seria formado, então, por aquisições que resultariam da interacção do indivíduo com o ambiente, do que é reprimido e do que é percebido, pensado ou sentido.

Os arquétipos correspondem, de acordo com a teoria estóica da alma universal concebida como origem da alma individual, às imagens ancestrais e simbólicas materializadas nas lendas e mitos da humanidade e constituem o inconsciente colectivo que se revela no indivíduo através dos sonhos, delírios e algumas manifestações de arte (Jung, 1970). Eles não teriam conteúdo determinado; seriam determinados, em grau limitado, na sua forma. Não

seria possível provar a sua existência, a não ser que eles se manifestassem de maneira concreta. O conceito de *persona* também está inserido dentro da concepção junguiana de personalidade. O termo *persona*, que falamos anteriormente no capítulo de personalidade, designava a máscara usada pelos actores no teatro antigo. Jung apoderou-se do termo para designar "a máscara", a maneira que usamos para nos mostrar na comunicação com o mundo; o modo que nós e os outros pensam que somos - o que parecemos ou desejamos ser. Ela seria uma zona intermediária entre a consciência do eu e os objectos do mundo; uma ponte com o mesmo. Os moldes da *persona* seriam retirados da psique colectiva. *Anima* e *animus* seriam a personificação da natureza feminina do inconsciente do homem e da natureza masculina do inconsciente da mulher. A sua função seria estabelecer uma relação entre a consciência individual e o inconsciente colectivo. O arquétipo Self seria o centro estabilizador e unificador da psique total (consciente e inconsciente). Ele seria simbolicamente expresso pela imagem de Deus presente em toda a história da humanidade. Para Jung, seria ele quem produziria o sonho e o enviaria ao Ego. O Ego tenderia a ser o centro do consciente; um complexo composto por um conjunto de representações e afectos formado por uma percepção geral da nossa existência, do nosso corpo e da nossa memória. No centro da psique encontraria-se o arquétipo de Deus (arquétipo do Self). O confronto com o numinoso poderia ser forte a ponto de causar a desintegração do Ego. E seria como defesa a essa situação que o homem realizaria os rituais. Estes serviriam de anteparo entre o divino e o humano; entre a imagem de Deus presente no inconsciente e o Ego. Jung acreditava que as religiões e os seus rituais serviam como forma de protecção ao Ego no confronto com o inconsciente, sendo que a união entre os opostos consciente e inconsciente seria promovida pelos símbolos religiosos, que impediriam o aniquilamento do Ego.

Silveira(1994) postula que todas as religiões se originam de encontros com os factores do inconsciente, venham eles por sonhos, visões ou êxtases e apresentem-se como deuses, demónios ou espíritos. Jung reconhecia todos os deuses como possíveis, desde que tenham sido actuates no psiquismo humano. Isto apesar de as afirmações religiosas não poderem ser universalmente comprovadas. Todas as religiões vêm do mesmo solo: o inconsciente. Não há "revelação", nem deus, nem transcendente; há somente arquétipos, recém-brotados do "mesmo solo materno em que, outrora, se formaram, sem excepção, todos os sistemas filosófico-religiosos." (Jung, 1999, p.77). É o contacto com os "mistérios" de cada religião

que fala directamente – simbolicamente – com o nosso inconsciente, satisfazendo nossa religiosidade.

Visto que, a nossa amostra populacional, é de sujeitos Católicos Apostólicos Romanos, é pertinente debruçarmo-nos, um pouco acerca desta temática, que é esta Igreja.

A Igreja Católica, apelidada também de Igreja Católica Romana (Pio XI, 1929) e Igreja Católica Apostólica Romana, é uma Igreja cristã colocada sob a autoridade suprema do Papa, Bispo de Roma e sucessor do apóstolo Pedro, sendo considerada pelos católicos como o autêntico representante de Deus na terra e por isso o verdadeiro Chefe da Igreja Universal - Igreja Cristã ou união de todos os cristãos. O seu objectivo é a conversão ao ensinamento e à pessoa de Jesus Cristo (Barry, 2001) em vista do Reino de Deus. Para este fim, esta administra os sacramentos - Baptismo; Confissão; Eucaristia; Crisma; Sagrado Matrimónio; As Ordens Sagradas e a Extrema-unção; e prega o Evangelho de Jesus Cristo (Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, 2005). Esta não pensa como uma Igreja entre outras, mas como a Igreja estabelecida por Deus para salvar todos os homens. Esta ideia é visível prontamente no seu nome: o termo ‘católico’ significa, *universal* em grego. A igreja elaborou a sua doutrina, ao longo dos concílios a partir da Bíblia, comentados pelos Pais e pelos doutores da Igreja. Ela propõe uma vida espiritual e uma regra de vida aos seus fiéis inspirada no Evangelho e definidas de maneira precisa. Regida pelo Código de Direito Canónico, ela compõe-se, além da sua muita bem conhecida hierarquia ascendente que vai desde, o Diácono, Presbítero, os Bispos, os Patriarcas até ao supremo Papa, de vários movimentos apostólicos, que comportam notadamente as ordens religiosas (Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, 2005).

A Igreja define-se pelas palavras do Credo (Papa São Pio X, 1905), como: “una “ porque nela subsiste a única instituição verdadeiramente alicerçada e encabeçada por Cristo para reunir o povo de Deus, porque tem como alma o Espírito Santo, que une todos os fiéis na comunhão em Cristo e porque tem uma só fé, uma só vida sacramental, uma única sucessão apostólica, uma comum esperança e a mesma caridade; ‘ santa’ porque é a *Noiva de Cristo*, pela sua ligação única com Deus, o seu autor, e que visa, através dos sacramentos, santificar, purificar e transformar os fiéis; ‘católica’ porque é universal, espalhada por toda a Terra, portadora da integralidade e totalidade do depósito da fé e nela está presente Cristo (*"Onde está Cristo Jesus, aí está a Igreja Católica"*, citação de Santo Inácio de Antioquia); ‘apostólica’ porque ela é fundamentada na doutrina dos apóstolos cuja missão recebeu sem

ruptura. A doutrina tradicional da Igreja Católica instituiu o que se chama de dogmas, sendo um dos mais importantes, o dogma (Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, 2005) da Santíssima Trindade. Este dogma preconiza que Deus é simultaneamente uno, porque só existe um Deus e trino porque está encarnado em três entidades: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A doutrina professa também a divindade de Jesus, que seria a segunda pessoa da Trindade, e que a salvação é através da fé em Jesus Cristo e amar Deus acima de todas as coisas (Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, 2005).

Esta Igreja é também, organizada através de mandamentos, sendo estes dez, segundo a versão ensinada actualmente na catequese de língua portuguesa da Igreja Católica: ‘Amar a Deus sobre todas as coisas’; ‘Não invocar o Santo Nome de Deus em vão’; ‘Guardar Domingos e festas de guarda’; ‘Honrar pai e mãe’; ‘Não matar; Guardar castidade nas palavras e nas obras’; ‘Não roubar’; ‘Não levantar falsos testemunhos’; ‘Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos’; ‘Não cobiçar as coisas alheias’ (Catecismo da Igreja Católica, 2000).

A unidade geográfica e organizacional fundamental da Igreja Católica é a diocese, chamada eparquia nas Igrejas Orientais. Estas correspondem geralmente a uma área geográfica definida, centrada numa cidade principal, e é chefiada por um bispo. A igreja central de uma diocese recebe o nome de catedral, da cátedra, ou cadeira do bispo, que é um dos símbolos principais do seu cargo. Dentro da diocese, o bispo exerce aquilo que é conhecido como poder ordinário, ou seja, autoridade própria, não delegada por outra pessoa. Embora o Papa nomeie bispos e avalie o seu desempenho, e exista uma série de outras instituições que governam ou supervisionam certas actividades, um bispo tem bastante independência na administração de uma diocese. Algumas dioceses, geralmente centradas em cidades grandes e importantes, são chamadas arquidioceses e são chefiadas por um arcebispo metropolitano. Em grandes dioceses e arquidioceses, o bispo é frequentemente assistido por bispos auxiliares, bispos integrais e membros do Colégio dos Bispos não designados para chefiá-las. Arcebispos, bispos, sufragários- designação frequentemente abreviada simplesmente para ‘bispos’- e bispos auxiliares, são igualmente bispos; os títulos diferentes indicam apenas que tipo de unidade eclesiástica chefiam. Muitos países têm vicariatos que apoiam as suas forças armadas (Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, 2005).

As dioceses são divididas em distritos locais chamados paróquias. Todos os católicos devem, segundo os mandamentos desta Igreja, frequentar e sustentar a sua igreja paroquiana

local. Ao mesmo tempo que a Igreja Católica desenvolveu um sistema elaborado de governo global, o catolicismo, no dia-a-dia, é vivido na comunidade local, unida em prece na paróquia local. As paróquias são em grande medida auto-suficiente.

O acto de prece mais importante na Igreja Católica é a liturgia Eucarística, normalmente chamada Missa (Catecismo da Igreja Católica, 2002). A missa é composta por duas partes principais: a Liturgia da Palavra e a Liturgia da Eucaristia.

A Igreja Católica é uma entidade que tem dois milénios de história (August Franzen, 1988) sendo uma das instituições mais antigas do mundo contemporâneo. Historicamente, as críticas a esta Igreja já tiveram muitas formas e partiram de diversos pressupostos ao longo das gerações. Algumas vezes essas críticas tiveram grandes consequências, como as contestações morais e teológicas de Martinho Lutero no século XVI, que levaram ao nascimento do protestantismo. No contexto actual, as críticas tendem a centrar-se em dois pontos. Em primeiro lugar, a história dessa instituição possui episódios que, em maior ou menor grau, são vistos por muitos como injustos e em contradição com a mensagem cristã que a fundamenta. Um outro aspecto importante é que muitos dos conceitos e modelos de comportamento adoptados na sociedade actual tendem a distanciar-se dos seus ensinamentos ou mesmo em oposição a eles. Tal distanciamento é notável em temas como bioética, sexualidade, matrimónio, a aplicação da pena de morte, entre outros. Na sociedade ocidental, mas não ao nível mundial, a Igreja Católica, como muitas outras denominações cristãs, assistiu a um rápido declínio na sua influência global no fim do século XX. Crenças doutrinárias rígidas em matérias relacionadas com a sexualidade humana (Bento XVI, 2009) são pouco atraentes num mundo ocidental secularizado onde a diversidade de práticas sexuais e a igualdade dos sexos são norma. A Igreja Católica Apostólica Romana, anteriormente influente nesta parte do globo terrestre, perdeu muita da sua influência, principalmente em lugares onde em tempos desempenhou um papel de primeira importância, como o Quebec, a Irlanda ou a Espanha. A generalidade da população abraçou a ideia do secularismo e tentou diminuir a influência da Igreja na sociedade. Ao mesmo tempo, no entanto, o Catolicismo, principalmente o latino, vem experimentando uma dramática adesão em África e em partes da Ásia. Ao passo que, em tempos, os missionários católicos romanos oriundos do Ocidente serviam como padres em igrejas africanas. Em finais do século XX havia um número crescente de países ocidentais que já recrutavam padres africanos para contrabalançar a redução nas suas próprias vocações.

2.2 Religiosidade e Personalidade

A psicologia, ao confrontar-se com o tema da religião, tem que ter como objecto de estudo os dados da experiência concreta, ocupando-se do facto de si e do que é a verdade psicológica. Segundo Frankl (1989), a religiosidade refere-se à própria experiência da pessoa e, neste sentido, seria uma descoberta pessoal intransferível revelada no modo de compreender a própria existência. Os sistemas religiosos propõem alguma explicação ao ser humano sobre o seu próprio universo psíquico reflectido no mundo manifesto, uma alternativa diante da angústia existencial, bem como perante o medo do aniquilamento do eu (indivíduo) pela morte. A religião apresenta uma possível solução, a partir de regras e leis, sobre como se harmonizar com o invisível e incompreensível. E pode ser vista como algo que não se refere somente à relação circunscrita do ser humano com a divindade mas também como fenómeno que ajuda a orientar os passos e os caminhos do ser humano pelas normas morais e de conduta de uma sociedade. Como refere Campbell (1982) as religiões são baseadas em sistemas de crenças e cultuam normalmente um ente superior que revela a compreensão acerca da finalidade última e primeira da nossa existência. Assim, nas sociedades antigas as primeiras formas de religião eram cercadas por mitos, rituais mágicos e simbologias que visavam o acesso ao sobrenatural. De acordo com Coelho & Mahfoud (2001), essa estruturação em torno de um conjunto de práticas, normas e dogmas busca estabelecer entre os seres humanos e o divino, a comunhão necessária para os indivíduos elaborarem os seus sentimentos, angústias, questionamentos, pensamentos e atitudes em relação à sua própria vida, o que permite gerar sentido à existência individual e colectiva de uma sociedade. As religiões têm pois como característica universal, a aceitação do sagrado na experiência vivencial de cada um.

A personalidade tem sido estudada pela psicologia no ocidente desde o século XIX. Contudo os aspectos ligados à religiosidade/espiritualidade (R/E) foram pouco explorados ou até mesmo patologizados por algumas teorias de personalidade e pela psicologia e psiquiatria como um todo. Entretanto, actualmente, a relação entre R/E e saúde foi examinada em publicação que revisou mais de 1.200 estudos realizados ao longo do século XX: a *The handbook of religion and health*. Neles, os autores afirmam que a religião continua tendo um papel significativo na vida das pessoas, mesmo depois de importantes avanços em áreas como educação, psicologia e medicina. A exemplo disso, estudos mostram que as crenças e as práticas religiosas são estratégias eficientes de muitos pacientes para lidar com as doenças;

80% dos estudos revisados por Koenig (1998) apontam para relações positivas entre religiosidade e bem-estar. Estudos prospectivos, semi-experimentais e experimentais, sugerem que actividades religiosas e/ou espirituais levam à redução dos sintomas de depressão e que psicoterapias seculares e de orientação religiosa apresentam a mesma efectividade.

Nesse sentido, recentemente os fenómenos relacionados à esfera religiosa e espiritual do comportamento humano foram incluídos em classificações como o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (1994). Também a Organização Mundial da Saúde (1983) incluiu um domínio denominado religiosidade, espiritualidade e crenças pessoais num instrumento de avaliação de qualidade de vida, o WHOQOL. Além disso, há muitos estudos que relacionam o contexto religioso com a saúde física e mental, embora existam poucas pesquisas sobre a interface entre R/E e personalidade. Actualmente, pesquisadores de diversas áreas começam a ver a R/E como área de crescente potencial para a teoria e a pesquisa em personalidade. E, diante disso, este estudo objectiva revisar as evidências empíricas de investigações sobre a relação entre religiosidade e personalidade.

Uma ideia principal no pensamento do autor James Fowler (1992) é que a fé faz parte da consciência humana. A fé e a personalidade desenvolvem-se juntas. Não são a mesma coisa, mas estão enlaçadas. Fowler entende a fé como a experiência humana de lealdade e confiança. A fé é essencialmente o processo universal humano de construir significado, que é uma parte integrante do desenvolvimento do ego, ou da personalidade. A fé é a disposição total da pessoa a um definitivo referencial, ou centro de valor, que dá poder, apoio, orientação, coragem e esperança às nossas vidas e nos unem em comunidades de fé. A fé pode incluir Deus, mas não se circunscreve a este tipo específico de fé. As pessoas podem ter fé em ideias, objectos, instituições e assim continuamente. A fé é universal no sentido de ser presente em todos os seres humanos. Todas as pessoas têm algum tipo de fé. Não existe nenhuma pessoa que não tenha um centro de valor, ou centros de valor, dando sentido e direcção à sua vida. Uma verificação sistemática com metanálise de treze estudos sobre religiosidade e os cinco factores de personalidade, realizada por Saroglou em 2002, observou diferentes dimensões de religiosidade. As religiosidades geral-intrínseca e aberta-madura estiveram correlacionadas, principalmente com Amabilidade e Conscienciosidade, conforme esperado pelo autor. De acordo com Saroglou (2002), a religião está relacionada com os cinco factores de personalidade, mas essa relação depende claramente da dimensão de religiosidade que é medida. Para ele, os futuros artigos deveriam permitir que as metanálises investigassem

o impacto de variáveis moderadoras, como idade, género, denominação e populações religiosas gerais *versus* específicas. McDonald e Taylor (1999) levaram a cabo um estudo com 1.129 estudantes universitários de Psicologia, no Canadá, e adquiriram resultados semelhantes àqueles apontados por Saroglou (2002). Uma das limitações do estudo, anotada pelos autores, é o facto de que estudantes universitários podem não constituir uma amostra apropriada para estudar as relações entre personalidade e religiosidade. McCullough (2003) declaram que a maioria dos estudos sobre personalidade e religiosidade são transversais e com instrumentos de autoavaliação. Segundo eles, as pesquisas longitudinais mais amplas, bem como estudos que avaliem de forma mais completa a inter-relação da personalidade e dos factores sociais na formação da religiosidade, serão passos lógicos no sentido de dar seguimento à visão de Allport para uma psicologia da personalidade que ofereça uma luz à dimensão religiosa do funcionamento humano. A única pesquisa longitudinal encontrada é o estudo conduzido por McCullough (2003) que estudaram a associação entre os Cinco Grandes factores de personalidade e religiosidade, sob a perspectiva do desenvolvimento. Os autores analisaram 492 adolescentes superdotados (QI = ou > 135), entre 12 e 18 anos, por um período de 19 anos. Os adolescentes foram avaliados em intervalos entre 5 e 10 anos, e os seus pais e professores também preencheram uma escala de personalidade relacionada à sua percepção sobre cada participante. Nos seus resultados, os adolescentes que foram apontados pelos pais e professores como mais abertos à experiência tornaram-se mais religiosos em adultos, o que contraria as expectativas, pois a Abertura à Experiência está relacionada à tendência a considerar novas ideias e a questionar valores e crenças. Contudo, como os temas ligados à R/E são amplos no que tange a ideias, crenças e valores, é possível que a Abertura à Experiência possa predispor os adolescentes a considerarem as dimensões de R/E da vida. Os resultados obtidos após o controle para as correlações entre os Cinco Grandes por meio de regressões multivariadas apontam para a Conscienciosidade em adolescentes como o único preditor significativo para a maior religiosidade na vida adulta dos jovens. Segundo os autores, tal parece sugerir processos de desenvolvimento em que a Conscienciosidade seria uma tendência biológica e a religiosidade, uma característica adaptativa, que pessoas com alta conscienciosidade estariam propensas a adoptar. Ainda assim, a associação conscienciosidade-religiosidade parece atingir os adolescentes em geral, sem diferenças entre os seus graus de educação religiosa. De referir que a pesquisa também observou que adolescentes que mostravam maior instabilidade emocional estavam mais sujeitos a adoptar,

na maioria, níveis de religiosidade semelhantes aos dos seus pais. Para os autores, isso pode significar que o adolescente emocionalmente instável pode adoptar a religião dos pais como forma de manter o bem-estar afectivo e evitar conflitos com a família. Em suma, os resultados encontrados nos estudos apresentam associações positivas entre alta Conscienciosidade, alta Amabilidade e Religiosidade; e a Conscienciosidade aparece como predictor de religiosidade na vida adulta, independentemente da educação religiosa recebida.

Um outro estudo realizado por Kosek (1999), na Polónia, investigou a utilidade do Modelo de Cinco Factores como um instrumento interpretativo para avaliar constructo religiosos. Segundo o autor, os resultados sugerem que uma predisposição pessoal em direcção aos outros (alta Amabilidade e Conscienciosidade) está associada a uma crença positiva em relação a Deus. As análises de regressões múltiplas sugeriram que os cinco domínios de personalidade explicaram 4% da variedade na qualidade da relação com Deus de uma pessoa, enquanto a orientação religiosa explicou 35% dessa variedade. Este estudo é uma adaptação do paradigma de Piedmont e Hendrick (1999) e foi o primeiro a trazer essas questões ao contexto da Polónia. Também em Portugal se estudou a relevância das correlações dos cinco factores da personalidade com as facetas da religiosidade (Barros, 2010).

Embora o nosso trabalho não se debruce sobre os três grandes factores da personalidade – PEN, de Eysenck, parece-nos interessante rever alguns dos estudos, realizados com este modelo e a religiosidade. Num estudo de Maltby (1999), este encontrou resultados significativos que apresentaram associações negativas entre religiosidade e psicoticismo. O estudo aplicou a Escala Modificada de Orientação Religiosa (Gorsuch e Venable, 1983 – *Age-Universal*, Escala I – E – Intrínseca-Extrínseca) e o Questionário de Personalidade de Eysenck (EPQR – A – R) em duas amostras de estudantes universitários da Irlanda (n = 172) e da Inglaterra (n = 213). Nos resultados, a orientação religiosa intrínseca, mas não a extrínseca, esteve associada negativamente ao psicoticismo. São apresentadas por Michael Eysenck (1998) , três opções para explicar a consistente relação negativa entre psicoticismo e religiosidade: a primeira seria que indivíduos com baixo psicoticismo seriam mais atraídos para a religião, contendo mais atitudes positivas relacionadas a esta do que pessoas com alto psicoticismo; a segunda explicação seria o contrário, ou seja, pessoas que elegem atitudes e práticas religiosas propendem a exibir como resultado, baixo psicoticismo e a última alternativa seria considerar que baixo psicoticismo e alta religiosidade são

características socialmente desejáveis; logo, espera-se que sujeitos com altos índices de sociabilidade apresentem menos psicoticismo e mais religiosidade. Pegando nestas afirmações, McCullough (2003) consideraram que, embora os investigadores tenham sido bem-sucedidos em descobrir uma correlação básica entre religiosidade e personalidade, estando as medidas de uma, relacionadas às medidas da outra, isso não explica por que tais medidas estão relacionadas. Sendo assim, as duas primeiras alternativas de explicação de Eysenck (1998) apresentam carências de mais estudos longitudinais para que se saiba a direcção dessa associação. Para explicar a relação negativa entre psicoticismo e religiosidade da terceira hipótese de Eysenck (1998), foi examinada por Lewis (1999), em dois estudos com a finalidade de observar se essa relação estaria ‘contaminada’ pela desejabilidade social. Mesmo a controlar os resultados da Escala de Mentira, no primeiro estudo, as únicas correlações significativas encontradas foram a associação negativa entre psicoticismo e religiosidade e a associação positiva entre psicoticismo e obsessão. No segundo estudo, a utilização dos instrumentos sucedeu em dois tempos, no primeiro momento os sujeitos responderam aos questionários sob condições normais, no segundo, foram ligados a um ‘detector de mentira’. Os resultados não apresentaram diferenças significativas entre as pontuações obtidos sob condições normais e sob a segunda condição. A conclusão da revisão foi de que os dois estudos sustentam que a associação entre os traços de personalidade e a religiosidade, e de obsessão e de psicoticismo não estão em função da desejabilidade social. Em um estudo de Hills (2004) foi utilizado o *Religious Life Inventory*, contendo escalas que mediam as dimensões de religiosidade intrínseca, extrínseca e busca (*quest* – busca religiosa/espiritual) e o EPP (*Eysenck Personality Profiler*), para avaliar os traços de personalidade. A sua amostra foi de 400 estudantes universitários (110 homens e 290 mulheres). Os resultados não encontraram associações significativas entre extroversão e religiosidade. Porém, o neuroticismo encontrou-se associado positivamente com religiosidade extrínseca e busca e não apresentou associações com religiosidade intrínseca e com as variáveis comportamentais de frequência à igreja e oração pessoal. O Psicoticismo esteve associado negativamente a todas as variáveis religiosas, comportamentais e psicométricas, sendo todas as associações de magnitude similares, apesar da relação com a religiosidade extrínseca tenha sido a mais fraca. Foi observado, também que as relações entre psicoticismo e religiosidade não podem ser atribuídas a diferenças unicamente de género (no caso o

masculino), sendo, então, a associação negativa com psicoticismo uma característica geral da religiosidade.

As anotações mais relevantes do estudo são de que sentimento de culpa está associado a cada uma das orientações religiosas, tornando-se como um forte predictor de religiosidades intrínseca e de busca; de que os intrínsecos parecem ser mais felizes, mais dogmáticos, não agressivos e independentes; de que o comportamento religioso está associado com todos os factores de maior ordem do PEN (Psicoticismo, Extroversão e Neuroticismo), em contraste com os achados anteriores que afirmavam que o psicoticismo era o único predictor mais claro de religiosidade segundo Hills (2004).

Em suma, os estudos que relacionam R/E e os três grandes factores da personalidade convergem para uma associação negativa entre religiosidade e psicoticismo, que não é explicada pela desejabilidade social, nem pelas diferenças de género.

Capítulo III – Metodologia

3.1 Objectivo do estudo e hipóteses

Este estudo tem como objectivo o estabelecimento de associações entre traços de personalidade e religião. Procedendo a um estudo comparativo entre uma amostra, constituída, por indivíduos do meio rural e uma amostra constituída por indivíduos do meio urbano.

Num estudo de Saroglou em 2002, observou-se diferentes dimensões de religiosidade. As religiosidades geral-intrínseca e aberta-madura estiveram correlacionadas, principalmente com Amabilidade e Conscienciosidade. McDonald e Taylor (1999) levaram a cabo um estudo com 1.129 estudantes universitários de Psicologia, no Canadá, e adquiriram resultados semelhantes àqueles apontados por Saroglou. Outro estudo foi o do autor Kosek (1999), na Polónia, onde investigou a utilidade do Modelo de Cinco Factores como um instrumento interpretativo para avaliar constructo religiosos. Segundo o autor, os resultados sugerem que uma predisposição pessoal em direcção aos outros (alta Amabilidade e Conscienciosidade) está associada a uma crença positiva em relação a Deus. Levando em consideração estes estudos, foi formulada a nossa primeira hipótese (Hipótese1: Espera-se que um nível elevado de religiosidade esteja relacionado com um nível elevado de Amabilidade e de Conscienciosidade).

Em 2003, McCullough estudou, a associação entre os Cinco Grandes Factores de personalidade e religiosidade, sob a perspectiva do desenvolvimento. Foram analisados adolescentes por um período de 19 anos. Nos seus resultados, os adolescentes que foram apontados pelos pais e professores como mais abertos à experiência tornaram-se mais religiosos em adultos. Num estudo de Hills (2004), com estudantes universitários, o Neuroticismo encontrou-se associado positivamente com Religiosidade Extrínseca e busca. Assim sendo chegamos à nossa segunda hipótese (Hipótese 2: É esperado que os sujeitos com resultados mais elevados nos traços de Neuroticismo e de Abertura à Experiência demonstrem índices de religiosidade superiores).

3.2 Descrição da amostra

No que diz respeito aos dados sócio-demográficos, conforme se pode observar na tabela 1, no que diz respeito ao Sexo, a amostra foi constituída maioritariamente por indivíduos do sexo feminino (233), sendo que a percentagem foi de 58,3 % e por 167 indivíduos do sexo masculino, sendo que a percentagem foi de 41,8%. Verifica-se relativamente à Idade, um valor mínimo de 18 anos e um valor máximo de 103 anos de idade, sendo que a média é de 44,20 e o desvio padrão é de 19,637. No que diz respeito ao Estado Civil, a amostra foi constituída por: 162 indivíduos solteiros, sendo que a percentagem foi de 40,5%; por 188 indivíduos casados, sendo que a percentagem foi de 47,0 %; por 20 indivíduos divorciados, sendo que a percentagem foi de 5,0 %, na situação de viúvo foram apurados 30 indivíduos com uma percentagem de 7,5%. No que se refere à Etnia, a amostra foi constituída maioritariamente por indivíduos de raça branca/caucasiana (371), sendo que a percentagem foi de 92,8%, por 26 indivíduos de raça negra, sendo que a percentagem foi de 6,5%, por 3 indivíduos de outra etnia não especificada, sendo que a percentagem inerente foi de 0,8%. No que concerne à nacionalidade, a amostra foi constituída por: 1 indivíduo da Alemanha, sendo que a percentagem foi de 0,3%; 8 indivíduos de Angola, sendo que a percentagem foi de 2,0%; 1 indivíduo do Brasil, sendo que a percentagem foi de 0,3%; 8 indivíduos de Cabo Verde, sendo que a percentagem foi de 2,0%; 2 indivíduos da França, sendo que a percentagem foi de 0,5%; dois indivíduos oriundos da Guatemala, sendo que a percentagem foi de 0,5%; 3 indivíduos da Guiné, sendo que a percentagem foi de 0,8%; 1 indivíduo oriundos de Inglaterra, sendo que a percentagem foi de 0,3%; 1 indivíduos do Japão, sendo que a percentagem foi de 0,3%; 2 indivíduos de Moçambique, sendo que a percentagem foi de 0,5%; 370 indivíduos de Portugal, sendo que a percentagem foi de 92,5% e 1 indivíduo de São Tomé e Príncipe. Em relação ao ser Católico praticante, 243 responderam afirmativamente e 157 responderam negativamente, com uma percentagem de 60,8 % e 39,3% respectivamente. Relativamente à Ocupação, a amostra foi constituída 236 indivíduos trabalhadores, sendo que a percentagem foi de 59,0%, por 61 indivíduos estudantes, sendo que a percentagem foi de 15,3%, por 36 indivíduos em situação de desemprego com uma percentagem de 9,0% e 43 indivíduos em situação de reforma com uma percentagem de 10,8. No que diz respeito á Área onde residem, a amostra foi constituída por 209 indivíduos da área

urbana, sendo que a percentagem correspondente foi de 52,3% e por 191 indivíduos que residem em área rural, sendo que esta percentagem foi de 47,8%.

Tabela 1. Caracterização sócio-demográfica

		N	%	Mínimo	Máximo	M	DP
Sexo							
	Masculino	167	41,8				
	Feminino	233	58,3				
Idade							
				18	103	44,20	19,637
Estado civil							
	Solteiro/a	162	40,5				
	Casado/a	188	47,0				
	Divorciado/a	20	5,0				
	Viúvo/a	30	7,5				
Etnia							
	Caucasiana	371	92,8				
	Negra	26	6,5				
	Outra						
Nacionalidade							
	Alemanha	1	0,3				
	Angola	8	2,0				
	Brasil	1	0,3				
	Cabo Verde	8	2,0				
	França	2	0,5				
	Guatemala	2	0,5				
	Guiné	3	0,8				
	Inglaterra	1	0,3				
	Japão	1	0,3				
	Moçambique	2	0,5				
	Portugal	370	92,5				
	São Tomé e Príncipe	1	0,3				
Católico Praticante							
	Sim	243	60,8				
	Não	157	39,3				
Ocupação							
	Trabalhador	236	59,0				
	Estudante	61	15,3				
	Trabalhador/Estudante	24	6,0				
	Desempregado	36	9,0				
	Reformado	43	10,8				
Área							
	Urbana	209	52,3				
	Rural	191	47,8				

Conforme se pode observar na tabela 2, o teste do Qui-quadrado revela diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis Católico Praticante/ Católico não praticante relativamente à Área ($\chi^2 = 45,674$; $p = ,000$), e diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito às variáveis Católico Praticante/ Católico não Praticante e a Ocupação ($\chi^2 = 39,628$; $p = ,000$).

Tabela 2. Diferenças entre variáveis sócio-demográficas em função da prática religiosa

	Católico Praticante (N = 243)		Católico Não Praticante (N = 157)		χ^2
	N	%	N	%	
Área					45,674***
Urbana	94	38,7%	115	73,2%	
Rural	149	61,3%	42	26,8%	
Ocupação					39,628***
Trabalhador	147	60,5%	89	56,7%	
Estudante	26	10,7%	35	22,3%	
Trabalhador/ Estudante	9	3,7%	15	9,6%	
Desempregado	19	7,8%	17	10,8%	
Reformado	42	17,3%	1	,6%	

Nota: ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$

De acordo com a tabela 3, no que diz respeito ao qui-quadrado, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis Estado Civil e a variável Área ($\chi^2 = 30,070$; $p = ,000$). Observam-se, ainda diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito às variáveis Estado Civil e Ocupação ($\chi^2 = 156,683$; $p = ,000$) e diferenças estatisticamente significativas nos que diz respeito às variáveis Estado Civil e Católico Praticante/ Católico não Praticante ($\chi^2 = 22,418$; $p = ,000$).

Tabela 3. Diferenças entre variáveis área, ocupação, católico praticante em função do estado civil

	Solteiro (N = 162)		Casado (N = 188)		Divorciado (N= 20)		Viúvo (N= 30)		
	N	%	N	%	N	%	N	%	χ^2
Área									30,070***
Urbana	105	64,8%	82	43,6%	15	75,0%	7	23,3%	
Rural	57	35,2%	106	56,4%	5	25,0%	23	76,7%	
Ocupação									156,683***
Trabalhador	66	40,7%	144	76,6%	16	80,0%	10	33,3%	
Estudante	57	35,2%	4	2,1%	0	,0%	0	,0%	
Trabalhador/ Estudante	17	10,5%	5	2,7%	1	5,0%	1	33,3%	
Desempregado	16	9,9%	14	7,4%	2	10,0%	4	13,3%	
Reformado	6	3,7%	21	11,2%	1	5,0%	15	50,0%	
Católico praticante									22,418***
Sim	82	50,6%	125	66,5%	9	45,0%	27	90,0%	
Não	80	49,4%	63	33,5%	11	55,0%	3	10,0%	

Nota: ***, $p \leq .001$

Relativamente à tabela 4, podemos constatar que existem diferenças estatisticamente significativas na relação observada entre a Etnia e a Área ($\chi^2 = 12,063$; $p = ,002$), diferenças estatisticamente significativas entre Etnia e Ocupação ($\chi^2 = 35,740$; $p = ,000$) e por fim diferenças significativas entre a Etnia e o Estado Civil ($\chi^2 = 14,364$; $p = ,026$). Em relação á Etnia com o facto de ser Católico Praticante ($\chi^2 = 5,011$; $p = ,082$), não se encontraram diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 4. Diferenças entre as variáveis sócio-demográficas em função da etnia

	Caucasiana		Negra		Outra		
	(N = 371)		(N = 26)		(N= 3)		
	N	%	N	%	N	%	χ^2
Estado civil							14,364**
Solteiro	143	38,5%	17	65,4%	2	66,7%	
Casado	181	48,8%	7	26,9%	0	,0%	
Divorciado	18	4,9%	1	3,8%	1	33,3%	
Viúvo	29	7,8%	1	3,8%	0	,0%	
Área							12,063**
Urbana	185	49,9%	21	80,8%	3	100,0%	
Rural	186	50,1%	5	19,2%	0	,0%	
Ocupação							35,740***
Trabalhador	224	60,4%	10	38,5%	2	66,7%	
Estudante	53	14,3%	8	30,8%	0	,0%	
Trabalhador/ Estudante	16	4,3%	7	26,9%	1	33,3%	
Desempregado	35	9,4%	1	3,8%	0	,0%	
Reformado	43	11,6%	0	,0%	0	,0%	
Católico praticante							5,011
Sim	231	62,3%	11	42,3%	1	33,3%	
Não	140	37,7%	15	57,7%	2	66,7%	

Nota: ** $p \leq .01$. *** $p \leq .001$

Em relação à tabela 5 podemos constatar que existem diferenças estatisticamente significativas na relação observada entre a Ocupação e a Área ($\chi^2 = 37,199$; $p = ,000$).

Tabela 5. Diferenças entre a variável área em função da ocupação

	Trabalhador (N = 236)		Estudante (N = 61)		Trabalhador/ Estudante (N= 24)		Desempregado (N= 36)		Reformado (N= 43)		
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	χ^2
Área											37,199***
Urbana	131	55,5	41	67,2	18	75,0	7	19,4%	12	27,9%	
Rural	105	%	20	%	6	%	29	80,6%	31	72,1%	
		%		%		%					

Nota: *** $p \leq .001$

De acordo com a tabela 6, não existem diferenças significativas entre a variável sexo e as variáveis Estado Civil ($\chi^2 = 7,310$; $p = 063$); Área ($\chi^2 = 2,809$; $p = 094$); Etnia ($\chi^2 = 6,444$; $p = 040$); Ocupação ($\chi^2 = 739$; $p = 946$) e Católico praticante ($\chi^2 = 5,655$; $p = 017$).

Tabela 6. Diferença entre as variáveis sócio-demográficas em função dos sexos

	Sexo Masculino (N = 167)		Sexo Feminino (N = 233)		χ^2
	N	%	N	%	
Estado Civil					7,310
Solteiro	64	38,3%	98	42,1%	
Casado	89	53,3%	99	42,5%	
Divorciado	7	4,2%	13	5,6%	
Viúvo	7	4,2%	23	9,9%	
Área					2,809
Urbana	79	47,3%	130	55,8%	
Rural	88	52,7%	103	44,2%	
Etnia					6,444*
Caucasiana	149	89,2%	222	95,3%	
Negra	17	10,2%	9	3,9%	
Outra	1	,6%	2	,9%	
Ocupação					,739
Trabalhador	98	58,7%	138	59,2%	
Estudante	27	16,2%	34	14,6%	
Trabalhador/ Estudante	10	6,0%	14	6,0%	
Desempregado	13	7,8%	23	9,9%	
Reformado	19	11,4%	24	10,3%	
Católico praticante					5,655**
Sim	90	53,9%	153	65,7%	
Não	77	46,1%	80	34,3%	

Nota: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

3.3 Descrição das medidas

Neste estudo foram utilizados cinco instrumentos de avaliação. O Primeiro foi a Duke Religious Index (DUREL) criada por Koenig, em 1997. A DUREL possui cinco itens que captam três das dimensões de religiosidade que mais se relacionam com desfechos em saúde: organizacional (RO), não organizacional (RNO) e religiosidade intrínseca (RI). Os primeiros dois itens, que foram extraídos de grandes estudos epidemiológicos realizados nos Estados Unidos, abordam RO e RNO e mostraram-se relacionados a indicadores de saúde física, mental e suporte social. Os outros itens referem-se à RI e são os três itens da escala de RI de Hoge que melhor se relacionam com a pontuação total nesta escala e com suporte social e desfechos em saúde (Koenig, 1997). Na análise dos resultados da DUREL, as pontuações nas três dimensões (RO, RNO e RI) devem ser analisadas separadamente e os valores dessas três dimensões não devem ser somados em valor total. A resposta correspondente à primeira dimensão (Religiosidade Organizacional) é dada numa escala tipo Likert de 6 pontos (1. Mais que uma vez por semana; 2. Uma vez por semana; 3. Duas a três vezes por mês; 4. Algumas vezes por ano; 5. Uma vez por ano ou menos; 6. Nunca). A resposta ao item que avalia a dimensão Religiosidade Não-Organizacional é dada numa escala tipo Likert de 5 pontos (1. Mais de que uma vez ao dia; 2. Diariamente; 3. Duas ou mais vezes por semana; 4. Uma vez por semana; 5. Poucas vezes por mês; 6. raramente ou nunca). A dimensão Religiosidade Intrínseca é avaliada nos três últimos itens, cujas respostas são dadas numa escala tipo Likert de 5 pontos (1. Totalmente verdade para mim; 2. Em geral é verdade; 3. Não estou certo; 4. Em geral não é verdade; 5. Não é verdade).

Esta medida de avaliação apresenta boas qualidades psicométricas na versão original com um alpha de Cronbach de .87. No presente trabalho obtivemos um valor α de Cronbach de .91.

Um outro instrumento utilizado foi o PANAS. Este instrumento teve como autores Watson, Clark & Tellegen em 1988. O PANAS surge da necessidade de desenvolver medidas breves, fáceis de administrar e válidas para avaliar o afecto positivo e negativo. Em 1988, Watson, Clark & Tellegen validaram a Lista de Afectos Positivos e Negativos (*Positive Affect and Negative Affect Schedule* - PANAS), composta de duas escalas com 10 itens cada, que se mostraram, segundo os seus autores, consistentes, válidas e eficientes para medir as duas dimensões de afectividade. De acordo com Watson, Clark & Tellegen (1988), Afectos

Positivos (AP) representa a extensão na qual uma pessoa se sente entusiasta, activa e alerta. Um nível alto de AP constitui um estado de alta energia, plena concentração e engajamento prazeroso, enquanto baixo AP é caracterizado por tristeza e letargia. Afecto negativo (AN) é uma dimensão geral de ajuste sem prazer, incluindo, no seu nível mais alto, sensações negativas diversas, tais como raiva, desprezo, culpa, medo e nervosismo. O nível mais baixo de AN inclui calma, serenidade e sossego. A validação do PANAS, para a nossa língua foi feita por Iolanda Costa Galinha e por José Luís Pais-Ribeiro no ano de 2005. No estudo de adaptação da versão para português, não se traduziu os 20 termos descritores dos afectos que constituem a PANAS reduzida, e procurou-se chegar a 20 descritores das emoções positivas e negativas, que fossem as mais representativas do léxico emocional dos portugueses e que, simultaneamente, fossem fiéis à estrutura da escala original. A escala de AP, integrante da PANAS, inclui 10 palavras que descrevem sentimentos e emoções positivas (interessado, forte, entusiasmado, orgulhoso, activo, inspirado, determinado, atento, animado e estimulado), enquanto a escala de AN compõe-se de outras 10 palavras que expressam a dimensão negativa da afectividade (angustiado, descontrolado, culpado, assustado, hostil, irritado, envergonhado, nervoso, inquieto e amedrontado). A classificação das emoções, é feita numa escala de likert de 5 pontos (nada ou muito ligeiramente; um pouco; moderadamente; bastante; extremamente). Ao nível da consistência interna, comparando a escala global original com a versão portuguesa podemos observar os valores: Alpha de Cronbach para a escala de afecto positivo da escala original $\alpha=0,88$, na versão portuguesa $\alpha=0,86$; Alpha de Cronbach para a escala de afecto negativo da escala original $\alpha=0,87$, na versão portuguesa $\alpha=0,89$. Quanto à correlação entre as duas dimensões da PANAS, afecto positivo e afecto negativo, é esperado que seja próxima de zero. Revelou valores adequados de fidelidade Teste-Retest e valores de validade factorial para as escalas de PA e NA, que variam entre .89 e .95. Para a escala original essa correlação é de -0,17 e para a presente versão em português é de -0,10. Ou seja, as correlações na escala original, como na escala que aqui é apresentada, são de magnitude idêntica e estão de acordo com o modelo dos autores.

Neste estudo encontramos os valores α de Cronbach seguintes: .86 para a escala de afectividade positiva e .88 para a escala de afectividade negativa.

Outra medida utilizada foi a Paulhus Deception Scales (PDS), de Delroy L. Paulhus, Ph.D. de 1998. Esta medida, também conhecida como versão 7 do Inventário de Balanced Desirable Responding (BIDR), é um auto relato com 40 itens que foi concebido para medir a

tendência de dar respostas socialmente aceitáveis ou desejáveis (SDR). Esta escala é constituída por duas dimensões: a dimensão “Auto-apresentação Favorável (SDE)” e a dimensão “Gestão da Imagem (IM)”; a dimensão “Auto-apresentação Favorável” (SDE) que “representa uma tendência de favorabilidade inconsciente intimamente relacionada com o narcisismo” (Paulhus & John, 1998, 66 1025-1060) e é constituída pelos primeiros 20 itens (do item 1 ao item 20) e a dimensão “Gestão de Imagem (IM)” que representa uma categoria bem conhecida de medidas de desejabilidade social, que têm em vista formas brutas de dissimulação, como é o caso do fingimento e da mentira, sendo constituída pelos restantes 20 itens, ou seja, do item 21 ao item 40. No que diz respeito à amplitude desta escala de avaliação, esta varia entre 0 e 40, porque o valor das respostas padronizadas varia entre 0 e 1. Relativamente ao sentido de variação, esta escala é composta por três resultados, o somatório das respostas para cada dimensão e o somatório dos totais das duas dimensões, que nos dá o valor total da escala (PDS Total), logo, quanto mais alto for o valor para cada uma das dimensões, maior será o valor do PDS Total. Estes três resultados serão posteriormente transformados em resultados padronizados, ou seja, valores T, para então se proceder à análise do perfil, tendo sempre em conta se os valores são altos ou baixos para cada uma das dimensões. No que diz respeito ao sentido, esta escala apresenta um sentido directo. No âmbito das qualidades psicométricas, em relação à fidelidade, a consistência interna desta escala, apresenta um alfa de Cronbach de .83, o que representa um valor de fidelidade muito bom. No presente trabalho encontramos os valores α de Cronbach seguintes: .74 para a escala de Gestão da Imagem e .80 para a escala de Auto Apresentação Favorável.

Os Traços de Personalidade foram avaliados pelo Big Five Inventory (BFI: Oliver & John 2001), constituído por 44 itens com formato de resposta tipo Lickert de cinco pontos 1. Discordo Fortemente; 2. Discordo um pouco; 3. Nem concordo nem discordo; 4. Concordo um pouco; 5. Concordo Fortemente. Os itens que compõem o BFI estão subdivididos em cinco dimensões: (1) Extroversão (expressa energia, sociabilidade, actividade, assertividade e emoções positivas); (2) Amabilidade (altruísmo, compaixão, confiança e modéstia); (3) Conscienciosidade (propensão para o controlo da impulsividade e comportamentos assertivos); (4) Neuroticismo (abrange características de instabilidade, emoções negativas, ansiedade, irritabilidade, tristeza e tensão nervosa e); e (5) Abertura à Experiência (admite características de diversidade, profundidade, originalidade, complexidades e experiências de vida). A amplitude de resultados varia de acordo com o resultado de cada dimensão, em que

valores mais elevados indicam maior pontuação nas dimensões de personalidade, a Extroversão tem oito itens, a Amabilidade com nove itens, a Conscienciosidade tem nove itens, o Neuroticismo com oito itens e finalmente a Abertura à Experiência tem 10 itens. Quanto às qualidades psicométricas, o estudo revelou valores de consistência interna, avaliado pelo α de Cronbach, para as cinco dimensões, de .86 (Extroversão), .78 (Amabilidade), .80 (Conscienciosidade), .83 (Neuroticismo) e .85 (Abertura à Experiência). A medida apresenta valores adequados de validade convergente quando relacionado com medidas TDA e NEO Five Factor Inventory. No presente trabalho encontramos os valores α de Cronbach seguintes: .82 para a escala de extroversão, .75 para a escala de amabilidade, .75 para a escala de conscienciosidade, .76 para a escala de neuroticismo e .86 para a escala de abertura à experiência.

3.4 Procedimento

Os protocolos foram aplicados individualmente e foram recolhidos em locais públicos. Os sujeitos foram informados acerca dos objectivos do preenchimento dos questionários, e informados que as respostas são anónimas e confidenciais e que a sua participação é voluntária e de grande importância para o estudo. Depois de se ter dado um momento para esclarecer dúvidas, preencheram o questionário, que na média demorou cerca de 10 a 15 minutos a ser completado. Este estudo, é de natureza comparativa, tem um carácter transversal e o método é correlacional.

Depois de recolhidos os dados, estes foram introduzidos numa base de dados informatizada e os procedimentos estatísticos efectuados a partir do *Predictive Analytics SoftWare (PASW 18.0)* para Windows.

3.5 Resultados

No que concerne às variáveis das escalas utilizadas no presente estudo, conforme se pode observar na tabela 7, a variável Religiosidade Organizacional apresenta um valor mínimo de 1 e um valor máximo de 6 ($m = 3,69$ e $dp = 1,569$); a variável Religiosidade Não-Organizacional apresenta um valor mínimo de 1 e um valor máximo de 6 ($m = 3,20$ e $dp = 1,796$); a variável Religiosidade Intrínseca apresenta um valor mínimo de 6 e um valor máximo de 18 ($m = 14,19$ e $dp = 3,549$). A variável Auto-Apresentação Favorável apresenta

um valor mínimo de 0 e um valor máximo de 15 ($m = 3,26$ e $dp = 3,176$); a variável Gestão da Imagem apresenta um valor mínimo de 0 e um valor máximo de 19 ($m = 8,72$ e $dp = 4,383$); a variável PDS_TOT apresenta um valor mínimo de 1 e um valor máximo de 30 ($m = 11,97$ e $dp = 6,012$). A variável extroversão apresenta um valor mínimo de 10 e um valor máximo de 39 ($m = 26,20$ e $dp = 6,289$); a variável amabilidade apresenta um valor mínimo de 12 e um valor máximo de 45 ($m = 33,71$ e $dp = 5,350$); a variável conscienciosidade apresenta um valor mínimo de 14 e um valor máximo de 45 ($m = 31,91$ e $dp = 5,613$); a variável neuroticismo apresenta um valor mínimo de 11 e um valor máximo de 40 ($m = 24,93$ e $dp = 5,633$). A variável afectividade positiva apresenta um valor mínimo de 10 e um valor máximo de 49 ($m = 31,95$ e $dp = 6,993$); para finalizar temos a variável afectividade negativa que nos apresenta um valor mínimo de 10 e um valor máximo de 41 ($m = 22,79$ e $dp = 7,210$).

Tabela 7. Estatística descritiva das variáveis estudadas

	Mínimo	Máximo	M	DP
Religiosidade Organizacional	1	6	3,69	1,569
Religiosidade Não-organizacional	1	6	3,20	1,796
Religiosidade Intrínseca	6	18	14,19	3,549
Auto-apresentação Favorável	0	15	3,26	3,176
Gestão da Imagem	0	19	8,72	4,383
PDS_TOT	1	30	11,97	6,012
Extroversão	10	39	26,20	6,289
Amabilidade	12	45	33,71	5,350
Conscienciosidade	14	45	31,91	5,613
Neuroticismo	11	40	24,93	5,633
Abertura à experiência	10	49	33,18	7,456
Afectividade Positiva	10	49	31,95	6,993
Afectividade Negativa	10	41	22,79	7,210

Na tabela 8 vemos representados os valores médios e de desvio padrão, entre católicos praticantes e não praticantes para as dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade, sendo igualmente apresentados os resultados do teste t de student para amostras independentes. Conforme se pode observar, verificam-se

diferenças estatisticamente significativas entre todas as variáveis exceptuando a diferença entre as médias Católico Praticante e Auto-apresentação Favorável ($t = ,304$; $p = ,762$) e entre a variável Católico Praticante e Conscienciosidade ($t = -,513$; $p = ,608$).

Tabela 8. Diferença de médias entre católicos praticantes e não praticantes para as dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade

	Católico Praticante		Católico não praticante		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Religiosidade Organizacional	4,58	1,229	2,31	,905	19,866	,000
Religiosidade Não-organizacional	4,10	1,464	1,80	1,295	16,093	,000
Religiosidade Intrínseca	16,05	2,147	11,31	3,364	17,220	,000
Auto-apresentação Favorável	3,30	3,206	3,20	3,139	,304	,762
Gestão da Imagem	9,87	4,360	6,92	3,783	6,950	,000
PDS_TOT	13,17	6,199	10,12	5,210	5,104	,000
Extroversão	25,22	6,586	27,72	5,483	-3,918	,000
Amabilidade	34,71	5,250	32,16	5,149	4,754	,000
Conscienciosidade	31,79	5,840	32,09	5,253	-,513	,608
Neuroticismo	26,16	5,341	23,05	5,566	5,581	,000
Abertura à experiência	31,86	8,207	35,24	5,542	-4,543	,000
Afectividade Positiva	30,80	7,411	33,78	5,845	-4,215	,000
Afectividade Negativa	24,12	7,003	20,73	7,061	4,713	,000

De acordo com a tabela 9 podemos observar diferenças estatisticamente entre a variável Área e a variável Religiosidade Organizacional ($t = -7,934$; $p = ,000$); entre a variável Área e Religiosidade Não-Organizacional ($t = -6,776$; $p = ,000$); entre a variável Área e a

Religiosidade Intrínseca ($t = -7,361$; $p = ,000$); entre a variável Área e a Auto-apresentação Favorável ($t = -2,147$; $p = ,032$); entre a Área e a Gestão da Imagem ($t = -5,526$; $p = ,000$); entre a variável Área e a variável PDS_TOT ($t = -5,176$; $p = ,000$). Encontramos também diferenças estatisticamente significativas entre a Área e quatro dos 5 traços da personalidade; Extroversão ($t = 4,180$; $p = ,000$); Conscienciosidade ($t = 2,094$; $p = ,037$); Neuroticismo ($t = -6,827$; $p = ,000$); Abertura à experiência ($t = 5,112$; $p = ,000$). Também encontramos diferenças estatisticamente significativas entre a Área e a Afectividade Positiva ($t = 6,240$; $p = ,000$) e entre a variável Área e a Afectividade Negativa ($t = -5,972$; $p = ,000$). Não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre a Área e Amabilidade.

Tabela 9. Diferença de médias entre meio urbano/ rural para as Dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade

	Urbano		Rural		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Religiosidade Organizacional	3,13	1,468	4,29	1,450	-7,934	,000
Religiosidade Não-organizacional	2,65	1,681	3,80	1,727	-6,776	,000
Religiosidade Intrínseca	13,01	3,518	15,47	3,120	-7,361	,000
Auto-apresentação Favorável	2,93	2,848	3,61	3,473	-2,147	,032
Gestão da Imagem	7,60	4,011	9,94	4,455	-5,526	,000
PDS_TOT	10,53	5,093	13,55	6,535	-5,176	,000
Extroversão	27,45	5,813	24,86	6,517	4,180	,000
Amabilidade	33,21	5,225	34,24	5,446	-1,927	,055
Conscienciosidade	32,47	5,532	31,30	5,651	2,094	,037
Neuroticismo	23,19	5,105	26,84	5,576	-6,827	,000
Abertura à experiência	34,95	6,283	31,25	8,145	5,112	,000
Afectividade Positiva	33,96	6,222	29,77	7,144	6,240	,000
Afectividade Negativa	20,82	6,880	24,95	6,956	-5,972	,000

Em relação á tabela 10, encontramos diferenças significativas entre a Idade e a variável Religiosidade Organizacional ($t= 8,855$; $p=, 005$); entre a variável Idade e Religiosidade Intrínseca ($t= 12,076$; $p=, 000$); entre a variável Idade e a Auto-apresentação Favorável ($t= 3,250$; $p=, 003$); entre a variável Idade e a variável PDS_TOT ($t= 7,099$; $p=, 002$); entre a variável Idade e a variável Abertura à experiência ($t= -4,151$; $p=, 004$) e entre a variável Idade e a Afectividade Positiva ($t= -5,365$; $p=, 000$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável Idade e Religiosidade Não-Organizacional; entre a variável Idade e a variável Gestão da Imagem; entre a variável Idade e a Extroversão; entre a variável Idade e a Amabilidade; entre a variável Idade com a Conscienciosidade; entre a variável Idade com o Neuroticismo e entre a variável Idade e a Afectividade Negativa.

Tabela 10. Diferença de médias entre idades para as dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade

	Idade >= 40		Idade <40		t	Sig.
	M	DP	M	DP		
Religiosidade Organizacional	4,32	1,496	3,05	1,372	8,855	,005
Religiosidade Não-Organizacional	4,06	1,659	2,32	1,479	11,072	,138
Religiosidade Intrínseca	16,00	2,477	12,33	3,524	12,076	,000
Auto-apresentação Favorável	3,76	3,407	2,74	2,839	3,250	,003
Gestão da Imagem	10,20	4,404	7,20	3,811	7,293	,063
PDS_TOT	13,97	6,223	9,94	5,046	7,099	,002
Extroversão	24,96	6,447	27,46	5,876	-4,038	,104
Amabilidade	34,54	5,447	32,85	5,124	3,173	,091
Conscienciosidade	32,34	5,669	31,47	5,534	1,559	,846
Neuroticismo	26,08	5,259	23,77	5,774	4,174	,119
Abertura à experiência	31,68	7,883	34,72	6,672	-4,151	,004
Afectividade Positiva	30,16	7,405	33,81	6,015	-5,365	,000
Afectividade Negativa	23,91	7,055	21,65	7,206	3,169	,822

A tabela 11 apresenta os valores médios e de desvio padrão relativamente ao género e conforme se pode observar, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre a variável Sexo e a variável Religiosidade Organizacional ($t = -4,626$; $p = ,000$), a variável Religiosidade Não-Organizacional ($t = -5,940$; $p = ,000$), a variável Religiosidade Intrínseca ($t = -3,335$; $p = ,001$), a variável Gestão da Imagem ($t = -2,030$; $p = ,043$), a variável Amabilidade ($t = ,192$; $p = ,000$), a variável Conscienciosidade ($t = ,923$; $p = ,030$) e a variável Neuroticismo ($t = ,801$; $p = ,002$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável sexo e a Auto-apresentação Favorável, a PDS_TOT, a variável Extroversão, a variável Abertura à experiência, a variável Afectividade Positiva e com a variável Afectividade Negativa.

Tabela 11. Diferença de médias entre sexos para as dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade

	Sexo Feminino		Sexo Masculino		<i>t</i>	Sig.
	M	DP	M	DP		
Religiosidade Organizacional	3,99	1,516	3,27	1,550	-4,626	,000
Religiosidade Não-Organizacional	3,63	1,745	2,59	1,694	-5,940	,000
Religiosidade Intrínseca	14,68	3,320	13,50	3,749	-3,335	,001
Auto-apresentação Favorável	3,06	2,853	3,54	3,568	1,503	,134
Gestão da Imagem	8,19	4,620	9,09	4,174	-2,030	,043
PDS_TOT	12,15	5,701	11,73	6,430	-,681	,496
Extroversão	26,51	6,165	25,77	6,451	,538	,249
Amabilidade	34,62	4,973	32,45	5,606	,192	,000
Conscienciosidade	32,43	5,545	31,19	5,644	,923	,030
Neuroticismo	25,66	5,446	23,92	5,747	,801	,002
Abertura à experiência	33,78	7,339	32,35	7,560	,835	,059
Afectividade Positiva	32,43	6,923	31,26	7,058	,763	,103
Afectividade Negativa	23,05	7,578	22,43	6,670	-,848	,397

Com o objectivo de determinar quais as dimensões da religiosidade, da desejabilidade social, da personalidade e da afectividade em que se verificam diferenças significativas entre as várias condições decorrentes do estado civil, foi utilizada a análise de variância, tendo-se posteriormente realizado comparações Post-Hoc através do teste de Tukey .

Como se pode verificar na tabela 12, foram obtidas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos relativamente ao estado civil para as dimensões Religiosidade Organizacional ($F(3, 396) = 8,589; p=.000$), a variável Religiosidade Não-Organizacional ($F(3, 396) = 17,683; p=, 000$), a variável Religiosidade Intrínseca ($F(3, 396) = 29,909; p=, 000$), a variável Gestão da Imagem ($F(3, 396) = 8,669; p=, 000$), a variável PDS_TOT ($F(3, 396) = 7,111; p=, 000$), a variável Extroversão ($F(3, 392) = 5,421; p=,000$), a variável Amabilidade ($F(3, 393) = 5,505; p=,001$), a variável Neuroticismo ($F(3, 395) = 3,724; p=,012$), a variável Abertura à experiência ($F(3, 396) = 5,432; p=,001$), a variável Afectividade Positiva ($F(3, 392) = 7,683; p=,000$), a variável Afectividade Negativa ($F(3, 396) = 2,653; p=,048$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas com as variáveis, Auto-apresentação Favorável e a variável Conscienciosidade.

As comparações Post-Hoc, pelo método de Tukey, demonstraram que existem diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos viúvos, solteiros e casados relativamente à dimensão Religiosidade Organizacional, sendo que os viúvos são os que evidenciam o valor mais elevado ($M = 4,67; DP = 1,155$), logo seguidos pelo grupo dos casados ($M = 3,88; DP = 1,529$) e depois pelo grupo dos solteiros ($M = 3,32; DP = 1,591$). Registam-se ainda diferenças significativas entre os grupos dos viúvos e dos divorciados, verificando-se que o grupo dos divorciados apresenta resultados inferiores ($M = 3,35; DP = 1,424$) ao grupo dos viúvos ($M = 4,67; DP = 1,155$).

No que se refere à dimensão de Religiosidade Não-Organizacional, existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos casados, solteiros e viúvos, pelo que os sujeitos viúvos são os que apresentam um valor mais elevado ($M=5,03; DP=, 928$), logo seguidos pelo grupo dos casados ($M= 3,38; DP= 1,743$), seguidamente temos o grupo dos solteiros ($M= 2,71; DP= 1,726$). De evidenciar diferenças estatisticamente significativas, para a mesma dimensão entre o grupo dos divorciados e dos viúvos, em que grupo dos divorciados ($M= 2,65; DP= 1,814$), apresenta um valor inferior ao grupo dos viúvos ($M=5,03; DP=, 928$).

Constatou-se também a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o

grupo dos casados e o grupo dos viúvos e dos divorciados no que concerne à dimensão da Religiosidade Intrínseca, verificando-se que os valores mais elevados são registados pelo grupo dos viúvos ($M= 17,27$; $DP= 1,202$) em seguida temos o grupo dos casados ($M= 15,21$; $DP= 2,764$) e o grupo dos divorciados por fim ($M= 13,10$; $DP= 3,946$).

Em relação à dimensão Auto-Apresentação Favorável, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas em relação a nenhum grupo.

No que diz respeito à dimensão Gestão da Imagem, são evidenciadas algumas diferenças estatisticamente significativas, entre os sujeitos viúvos, solteiros, casados. Sendo que os viúvos são o grupo que apresentam valores mais elevados ($M= 11,63$; $DP= 5,034$), depois temos o grupo dos casados ($M= 9,19$; $DP= 4,286$) e em seguida os solteiros ($M= 7,69$; $DP= 4,079$). Também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos divorciados e o grupo dos viúvos, sendo que os últimos são os que apresentam o valor mais elevado ($M= 11,63$; $DP= 5,034$) e os primeiros, um valor inferior ($M= 8,20$; $DP= 4,250$).

São visíveis diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos viúvos, solteiros e casados, para a escala pds_tot , sendo que o que apresenta valores inferiores é o grupo dos solteiros ($M= 10,68$; $DP= 5,594$); em seguida numa escala crescente os casados ($M= 12,48$; $DP= 6,037$) e em seguida os viúvos ($M= 15,70$; $DP= 6,998$).

Quando observada a dimensão Extroversão, encontramos diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos solteiros e viúvos, onde o grupo dos solteiros apresenta os valores mais altos ($M= 27,26$; $DP= 6,220$) no seguimento os viúvos ($M= 22,90$; $DP= 5,956$). Dentro desta dimensão é de realçar, ainda, as diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos divorciados e dos viúvos, em que o grupo dos divorciados exibe um valor mais elevado ($M= 27,95$; $DP= 6,295$) em seguida os viúvos ($M= 22,90$; $DP= 5,956$).

Quanto à dimensão Amabilidade foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos viúvos com o dos solteiros. O valor mais elevado corresponde aos viúvos ($M= 36,77$; $DP= 4,614$) e em seguida vêm os solteiros ($M= 32,75$; $DP= 5,346$). Em relação a esta escala ainda se verifica diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos viúvos e casados, sendo que mais uma vez os viúvos têm valores mais elevados ($M= 36,77$; $DP= 4,614$) e os casados vêm em seguida ($M= 33,95$; $DP= 5,413$).

No que diz respeito à dimensão Conscienciosidade, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos casados e solteiros em relação à dimensão neuroticismo sendo que os casados ($M= 25,68$; $DP= 5,289$) apresentam valores mais altos do que os solteiros ($M= 23,91$; $DP= 5,821$).

Em relação à dimensão Abertura à Experiência, apuramos diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos solteiros e casados, em que os solteiros apresentam valores mais elevados ($M= 34,54$; $DP= 7,032$) e depois os casados ($M= 32,29$; $DP= 7,703$). São evidentes para a mesma dimensão diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos solteiros e dos viúvos, em que o primeiro obteve valores mais elevados ($M= 34,54$; $DP= 7,032$), e em seguida os viúvos ($M= 29,93$; $DP= 6,638$). Para terminar dentro desta dimensão foram ainda, apuradas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos divorciados e viúvos, sendo que os últimos obtiveram valores inferiores ($M= 29,93$; $DP= 6,638$), que os primeiros ($M= 35,55$; $DP= 7,149$).

No que se refere à dimensão Afectividade Positiva aferimos diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos solteiros e casados, em que os solteiros apresentam valores mais elevados ($M=33,54$; $DP= 6,047$) e em seguida os casados ($M= 31,08$; $DP= 7,316$). São visíveis para a mesma dimensão diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos solteiros e dos viúvos, em que o primeiro obteve valores mais elevados ($M=33,54$; $DP= 6,047$) e em seguida os viúvos ($M= 27,93$; $DP= 7,455$). No interior, desta dimensão ainda foram apuradas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos divorciados e viúvos, sendo que os últimos obtiveram valores inferiores ($M= 27,93$; $DP= 7,455$), que os primeiros ($M= 33,45$; $DP= 6,886$).

Constatou-se também relativamente à dimensão Afectividade Negativa, diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de solteiros e viúvos, sendo que o grupo dos viúvos apresentou valores mais elevados ($M= 26,13$; $DP= 7,138$) e em seguida os solteiros ($M= 22,24$; $DP= 7,159$).

Tabela 12. Diferença de médias entre Estado Civil, as Dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade

	Solteiro		Casado		Divorciado		Viúvo		F	Sig.
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Religiosidade Organizacional	3,32	1,591	3,88	1,529	3,35	1,424	4,67	1,155	8,589	,000
Religiosidade Não-organizacional	2,71	1,726	3,38	1,743	2,65	1,814	5,03	,928	17,683	,000
Religiosidade Intrínseca	12,57	3,806	15,21	2,764	13,10	3,946	17,27	1,202	29,909	,000
Auto-apresentação Favorável	2,99	3,139	3,30	3,202	3,85	2,621	4,07	3,483	1,284	,280
Gestão da Imagem	7,69	4,079	9,19	4,286	8,20	4,250	11,63	5,034	8,669	,000
PDS_TOT	10,68	5,594	12,48	6,037	12,05	4,651	15,70	6,998	7,111	,000
Extroversão	27,26	6,220	25,65	6,182	27,95	6,295	22,90	5,956	5,421	,001
Amabilidade	32,75	5,346	33,95	5,413	34,60	3,775	36,77	4,614	5,505	,001
Conscienciosidade	31,70	5,510	31,96	5,490	34,30	4,462	31,13	7,253	1,489	,217
Neuroticismo	23,91	5,821	25,68	5,289	24,10	5,964	26,33	5,732	3,724	,012
Abertura à experiência	34,54	7,032	32,29	7,703	35,55	7,149	29,93	6,638	5,432	,001
Afectividade Positiva	33,54	6,047	31,08	7,316	33,45	6,886	27,93	7,455	7,683	,000
Afectividade Negativa	22,24	7,159	22,85	7,109	21,70	7,801	26,13	7,138	2,653	,048

Conforme o que é apresentado na tabela 13, podemos observar diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à relação entre a variável Etnia com a variável Religiosidade Organizacional ($F(2, 397) = 6,569$; $p = ,002$); com a variável Religiosidade Não-Organizacional ($F(2, 397) = 4,605$; $p = ,011$); com a variável Gestão da Imagem ($F(2, 397) = 3,728$; $p = ,025$) e também se encontra presente uma diferença estatisticamente significativa entre a variável Etnia e o Neuroticismo ($F(2, 396) = 4,173$; $p = ,016$).

As comparações Post-Hoc, pelo método de Tukey, demonstraram que existem diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos caucasianos e os sujeitos de etnia

negra, relativamente à dimensão religiosidade organizacional, sendo que os caucasianos são os que evidenciam o valor mais elevado ($M = 3,77$; $DP = 1,564$), logo seguido pelo grupo dos negros ($M = 2,65$; $DP = 1,325$).

Relativamente à dimensão Religiosidade Não-Organizacional, encontrámos diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos sujeitos caucasianos e o grupo dos sujeitos negros. Os valores mais altos foram obtidos pelo grupo caucasiano ($M = 3,27$; $DP = 1,796$) e em seguida o grupo da etnia negra ($M = 2,19$; $DP = 1,497$).

Constatou-se também a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos caucasianos e o grupo dos negros, para a dimensão gestão de imagem, verificando-se que o grupo dos caucasianos alcançou valores mais elevados ($M = 8,87$; $DP = 4,320$), depois o grupo dos negros ($M = 6,46$; $DP = 4,860$).

No que diz respeito à dimensão Amabilidade, verificou-se diferenças estatisticamente significativas em relação ao grupo dos negros e dos caucasianos. O grupo dos negros obteve valores inferiores ($M = 31,35$; $DP = 5,837$), ao grupo dos caucasianos ($M = 33,89$; $DP = 5,301$).

Foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos caucasianos e negros em relação à dimensão Neuroticismo, sendo que os caucasianos ($M = 25,16$; $DP = 5,504$) obtiveram valores superiores ao grupo de etnia negra ($M = 22,19$; $DP = 6,894$).

Foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos caucasianos e negros em relação à dimensão neuroticismo, sendo que os caucasianos ($M = 25,16$; $DP = 5,504$) obtiveram valores superiores ao grupo de etnia negra ($M = 22,19$; $DP = 6,894$).

Relativamente às restantes dimensões não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 13. Diferença de médias entre Etnia, as Dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade

	Caucasiana		Negra		Outra		F	Sig.
	M	DP	M	DP	M	DP		
Religiosidade Organizacional	3,77	1,564	2,65	1,325	3,00	1,000	6,569	,002
Religiosidade Não-organizacional	3,27	1,796	2,19	1,497	2,67	2,082	4,605	,011
Religiosidade Intrínseca	14,30	3,561	12,81	3,112	11,67	3,215	2,951	,053
Auto-apresentação Favorável	3,26	3,175	3,54	3,265	,33	,577	1,376	,254
Gestão da Imagem	8,87	4,320	6,46	4,860	9,00	3,606	3,728	,025
PDS_TOT	12,13	6,025	10,00	5,769	9,33	3,512	1,827	,162
Extroversão	26,17	6,216	26,38	7,674	27,67	1,155	,095	,909
Amabilidade	33,89	5,301	31,35	5,837	32,00	1,732	2,917	,055
Conscienciosidade	32,05	5,481	29,73	7,119	33,33	5,033	2,186	,114
Neuroticismo	25,16	5,504	22,19	6,894	21,00	1,000	4,173	,016
Abertura à experiência	33,18	7,464	33,12	7,901	34,33	1,528	,037	,964
Afectividade Positiva	31,91	6,954	31,92	7,740	36,67	5,774	,687	,504
Afectividade Negativa	22,87	7,284	21,73	6,539	22,00	2,000	,322	,725

Relativamente à tabela 14 estão presente diferenças estatísticas significativas quando comparada a variável Ocupação com as restantes variáveis, com excepção de duas: a comparação entre a da variável Ocupação com a Auto-apresentação Favorável ($F(4, 395) = 2,135$; $p = ,076$) e a Ocupação com Neuroticismo ($F(4, 394) = 1,554$; $p = ,186$).

As comparações Post-Hoc, pelo método de Tukey, demonstraram que existem diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos trabalhadores, estudantes e reformados relativamente à dimensão Religiosidade Organizacional, sendo que os reformados

são os que evidenciam o valor mais elevado ($M = 4,93$; $DP = 1,203$), logo seguidos pelo grupo dos trabalhadores ($M = 3,73$; $DP = 1,508$) e depois pelo grupo dos estudantes ($M = 3,05$; $DP = 1,510$). Registam-se ainda, diferenças estatisticamente significativas entre os grupos dos reformados e dos trabalhadores/estudantes, sendo que o grupo dos trabalhadores/estudantes apresenta resultados inferiores ($M = 2,88$; $DP = 1,296$) ao grupo dos reformados ($M = 4,93$; $DP = 1,203$). De realçar, ainda dentro da dimensão Religiosidade Organizacional diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos reformados e dos desempregados, onde, os reformados apresentam valores superiores ($M = 4,93$; $DP = 1,203$), ao grupo dos desempregados ($M = 3,53$; $DP = 1,715$).

No que se refere à dimensão de Religiosidade Não-Organizacional, existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos trabalhadores, estudantes e reformados, pelo que os sujeitos reformados são os que apresentam um valor mais elevado ($M = 4,98$; $DP = 1,123$), logo seguidos pelo grupo dos trabalhadores ($M = 3,17$; $DP = 1,737$), seguidamente temos o grupo dos estudantes ($M = 2,30$; $DP = 1,498$). É visível diferenças estatisticamente significativas em relação ao grupo dos trabalhadores/estudantes e o grupo dos reformados, sendo que os reformados apresentam um valor mais elevado ($M = 4,98$; $DP = 1,123$), do que o do grupo trabalhador/estudante ($M = 2,71$; $DP = 1,628$). Referindo-nos, ainda, à dimensão da Religiosidade Não-Organizacional, observamos diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos desempregados e o grupo dos reformados, onde os desempregados obtêm valores inferiores ($M = 3,11$; $DP = 1,982$) ao grupo dos reformados ($M = 4,98$; $DP = 1,123$).

Constatou-se também a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos trabalhadores, o grupo dos estudantes e dos reformados no que concerne à dimensão da religiosidade intrínseca, verificando-se que os valores mais elevados são registados pelo grupo dos reformados ($M = 17,09$; $DP = 2,202$) em seguida o grupo dos trabalhadores ($M = 14,40$; $DP = 3,248$) e o grupo dos estudantes por fim ($M = 11,89$; $DP = 3,933$). Relativamente à mesma dimensão, constatou-se também a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos estudantes e o grupo dos desempregados, sendo que os desempregados, alcançaram valores mais elevados ($M = 14,06$; $DP = 3,869$), do que os estudantes ($M = 11,89$; $DP = 3,933$) e diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos trabalhadores/estudantes e o grupo dos reformados, em que os reformados obtiveram um valor mais alto ($M = 17,09$; $DP = 2,202$), do que os trabalhadores/estudantes

(M= 12,96; DP= 2,629).

Em relação à dimensão Auto-Apresentação Favorável, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas em relação a nenhum grupo.

No que diz respeito à dimensão Gestão de Imagem, são evidenciadas algumas diferenças estatisticamente significativas, entre os sujeitos trabalhadores, trabalhadores/estudantes, reformados, sendo que os reformados são o grupo que apresentam valores mais elevados (M= 12,88; DP= 3,971), depois temos o grupo dos trabalhadores (M= 8,52; DP= 4,149) e em seguida os trabalhadores/estudantes (M= 5,75; DP= 4,326). Também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos estudantes e o grupo dos reformados, sendo que os últimos são os que apresentam o valor mais elevado (M= 12,88; DP= 3,971) e os primeiros, um valor inferior (M= 7,61; DP= 4,059). Nesta dimensão, evidenciam-se, também, diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos desempregados, os trabalhadores/estudantes e os reformados, em que o grupo dos reformados, apresenta valores mais elevados (M= 12,88; DP= 3,971), seguido pelos desempregados (M= 8,89; DP= 3,755), e depois pelos trabalhadores/estudantes (M= 5,75; DP= 4,326).

São visíveis diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos trabalhadores, trabalhadores/estudantes e reformados, para a escala PDS_TOT, o que apresenta valores inferiores é o grupo dos trabalhadores/estudantes (M= 8,29; DP= 5,560); em seguida numa escala crescente os trabalhadores (M= 11,76; DP= 5,788) e em seguida os reformados com o valor mais elevado (M= 17,19; DP= 5,306). Em relação à dimensão PDS_TOT, ainda são verificadas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos estudantes e dos reformados, onde os reformados obtiveram valores mais altos (M= 17,19; DP= 5,306), em seguida os estudantes (M= 10,26; DP= 5,351). E diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos trabalhadores/estudantes e os desempregados, sendo que os valores mais altos correspondem ao grupo dos desempregados (M= 12,47; DP= 5,964) e o valor mais baixo aos trabalhadores/estudantes (M= 8,29; DP= 5,560).

Quando observada a dimensão Extroversão, encontramos diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos trabalhadores e reformados, onde o grupo dos trabalhadores apresenta os valores mais altos (M= 26,33; DP= 6,124) no seguimento os reformados (M= 22,81; DP= 7,171). Dentro desta dimensão é de realçar, ainda, as diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos estudantes e dos reformados, em que o grupo dos estudantes

exibe, um valor mais elevado ($M= 28,52$; $DP= 5,268$) em seguida, os reformados ($M= 22,81$; $DP= 7,171$).

Quanto à dimensão Amabilidade foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos trabalhadores, estudantes e trabalhadores/estudantes. O valor mais elevado corresponde aos trabalhadores ($M= 34,30$; $DP= 5,011$) e em seguida vêm os estudantes ($M= 32,21$; $DP= 5,177$) e depois os trabalhadores/estudantes ($M= 30,00$; $DP= 6,407$). Em relação a esta escala ainda se verifica diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos estudantes e reformados, sendo que os reformados têm valores mais elevados ($M= 35,49$; $DP= 5,565$) e os estudantes vêm em seguida ($M= 32,21$; $DP= 5,177$). No que diz respeito ao grupo dos trabalhadores/estudantes e dos reformados, para a mesma dimensão, também foram apuradas diferenças estatisticamente significativas, sendo que o grupo dos reformados obteve valores mais elevados ($M= 35,49$; $DP= 5,565$), seguido pelo grupo dos trabalhadores/estudantes ($M= 30,00$; $DP= 6,407$).

No que diz respeito à dimensão Conscienciosidade, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, relativamente ao grupo dos trabalhadores e dos estudantes, sendo o grupo dos trabalhadores onde se encontra o valor mais elevado ($M= 32,81$; $DP= 5,133$), seguido pelo grupo dos estudantes ($M= 29,97$; $DP= 5,186$).

Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos relativamente à dimensão Neuroticismo.

Em relação à dimensão Abertura à Experiência, apuramos diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos reformados e os restantes grupos, em que os estudantes apresentam valores mais elevados ($M= 35,38$; $DP= 7,163$) depois os trabalhadores/estudantes ($M= 34,21$; $DP= 7,735$), seguido pelo grupo dos desempregados ($M= 34,06$; $DP= 6,183$), seguido pelos trabalhadores ($M= 33,14$; $DP= 7,349$) e por fim os reformados ($M= 29,00$; $DP= 7,865$).

No que se refere à dimensão Afectividade Positiva aferimos diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos estudantes e reformados, em que os estudantes apresentam valores mais elevados ($M= 33,85$; $DP= 5,854$) do que os reformados ($M= 29,67$; $DP= 7,568$).

Constatou-se também relativamente à dimensão Afectividade Negativa, diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de trabalhadores e reformados, sendo que o grupo

dos reformados apresentou valores mais elevados ($M= 26,74$; $DP= 6,470$) e em seguida os trabalhadores ($M= 22,00$; $DP= 7,044$) e para a mesma dimensão foram ainda apuradas, diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos estudantes e o grupo dos reformados, em que os estudantes apresentam valores inferiores ($M= 21,87$; $DP= 7,422$) ao grupo dos reformados ($M= 26,74$; $DP= 6,470$).

Tabela 14. Diferença de médias entre Ocupação, as Dimensões da Religiosidade, Desejabilidade Social, Factores de Personalidade e Afectividade

	Trabalhador		Estudante		Trabalhador/ Estudante		Desempregado		Reformado		F	Sig.
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
Religiosidade Organizacional	3,73	1,508	3,05	1,510	2,88	1,296	3,53	1,715	4,93	1,203	12,269	,000
Religiosidade Não-organizacional	3,17	1,737	2,30	1,498	2,71	1,628	3,11	1,982	4,98	1,123	17,309	,000
Religiosidade Intrínseca	14,40	3,248	11,89	3,933	12,96	2,629	14,06	3,869	17,09	2,202	16,876	,000
Auto-apresentação Favorável	3,25	3,124	2,66	2,994	2,54	3,336	3,58	3,384	4,30	3,277	2,135	,076
Gestão da Imagem	8,52	4,149	7,61	4,059	5,75	4,326	8,89	3,755	12,88	3,971	15,567	,000
PDS_TOT	11,76	5,788	10,26	5,351	8,29	5,560	12,47	5,964	17,19	5,306	13,124	,000
Extroversão	26,33	6,124	28,52	5,268	26,29	7,280	25,31	5,575	22,81	7,171	5,591	,000
Amabilidade	34,30	5,011	32,21	5,177	30,00	6,407	32,69	5,170	35,49	5,565	6,671	,000
Conscienciosidade	32,81	5,133	29,97	5,186	29,74	5,154	32,08	5,862	30,74	7,490	4,855	,001
Neuroticismo	25,02	5,328	23,59	6,171	24,33	6,458	25,97	6,250	25,86	5,294	1,554	,186
Abertura à experiência	33,14	7,349	35,38	7,163	34,21	7,735	34,06	6,183	29,00	7,865	5,148	,000
Afectividade Positiva	32,09	6,985	33,85	5,854	32,88	8,548	30,00	6,047	29,67	7,568	3,119	,015
Afectividade Negativa	22,00	7,044	21,87	7,422	24,08	7,940	24,00	6,770	26,74	6,470	4,822	,001

As tabelas seguintes dizem respeito às correlações realizadas através do coeficiente de Pearson, no sentido de se verificar a associação entre as variáveis personalidade, afectividade, religiosidade e desejabilidade social.

Conforme se pode constatar na tabela 15, existem correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Organizacional e as seguintes variáveis: Amabilidade ($r = ,225$; $p \leq 0,01$); Neuroticismo ($r = ,282$; $p \leq 0,01$). Verificam-se também correlações negativas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Organizacional e a variável Extroversão ($r = -,222$; $p \leq 0,01$) e a variável Abertura à Experiência ($r = -,234$; $p \leq 0,01$). É de referir a inexistência de correlações estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Organizacional e a variável Conscienciosidade.

Verifica-se nesta mesma tabela a existência de correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Não-Organizacional e a Amabilidade ($r = ,293$; $p \leq 0,01$); entre a variável Religiosidade Não-Organizacional e o Neuroticismo ($r = ,236$; $p \leq 0,01$). É observada a existência de correlações negativas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Não-Organizacional com as seguintes variáveis: Extroversão ($r = -,195$; $p \leq 0,01$) e Abertura à experiência ($r = -,186$; $p \leq 0,01$). Não há correlação estatisticamente significativa entre a variável Religiosidade Não-Organizacional e a Conscienciosidade.

De acordo com esta tabela, podemos ainda observar, correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Intrínseca com as seguintes variáveis: Amabilidade ($r = ,271$; $p \leq 0,01$) e o Neuroticismo ($r = ,232$; $p \leq 0,01$). Em relação a correlações negativas estatisticamente significativas, observa-se entre a variável Religiosidade Intrínseca e as variáveis Extroversão ($r = -,182$; $p \leq 0,01$) e a Abertura à experiência ($r = -,239$; $p \leq 0,01$). É de notar a inexistência de correlação estatisticamente significativa entre a variável Religiosidade Intrínseca e a Conscienciosidade.

Tabela 15. Correlações entre Dimensões da Religiosidade e os Factores de Personalidade

	Religiosidade Organizacional	Religiosidade Não- organizacional	Religiosidade Intrínseca
Extroversão	-,222**	-,195**	-,182**
Amabilidade	,225**	,293**	,271**
Conscienciosidade	,030	,026	,038
Neuroticismo	,282**	,236**	,232**
Abertura à experiência	-,234**	-,186**	-,239**

Nota: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

Ao observarmos, a tabela 16, podemos verificar a existência de correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável entre a variável Afetividade Positiva e a variável Extroversão ($r = ,603$; $p \leq 0,01$); entre a variável Afetividade Positiva e a variável Amabilidade ($r = ,195$; $p \leq 0,01$); entre a variável Afetividade Positiva e a variável Conscienciosidade ($r = ,332$; $p \leq 0,01$); e entre a variável Afetividade Positiva com a variável Abertura à experiência ($r = ,652$; $p \leq 0,01$). Verifica-se também uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a variável Afetividade Positiva e a variável Neuroticismo ($r = -,270$; $p \leq 0,01$).

Constata-se ainda na tabela 16 correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Afetividade Negativa e a variável Neuroticismo ($r = ,447$; $p \leq 0,01$). E encontra-se na mesma tabela correlações negativas estatisticamente significativas entre a variável Afetividade Negativa com as seguintes variáveis: variável Extroversão ($r = -,356$; $p \leq 0,01$); variável Amabilidade ($r = -,139$; $p \leq 0,01$); variável Conscienciosidade ($r = -,295$; $p \leq 0,01$) e a variável e Afetividade Negativa com a variável Abertura à experiência ($r = -,309$; $p \leq 0,01$).

Tabela 16. Correlação entre a Afectividade e os Factores de Personalidade

	Afectividade Positiva	Afectividade Negativa
Extroversão	,603**	-,356**
Amabilidade	,195**	-,139**
Conscienciosidade	,332**	-,295**
Neuroticismo	-,270**	,447**
Abertura à experiência	,652**	-,309**

Nota: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

De acordo com o que é apresentado na tabela 17, verificamos a existência de correlações positivas estatisticamente significativas, entre a variável Auto-apresentação Favorável e as seguintes variáveis: Extroversão ($r = .218$; $p \leq 0,01$); Amabilidade ($r = .192$; $p \leq 0,01$); Conscienciosidade ($r = .197$; $p \leq 0,01$) e entre a variável Abertura à Experiência ($r = .280$; $p \leq 0,01$). Ainda em relação à variável Auto-apresentação Favorável, encontramos correlação negativa estatisticamente significativa com a variável Neuroticismo ($r = -.131$; $p \leq 0,01$). Na mesma tabela verificamos correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Gestão de Imagem e as seguintes variáveis: Amabilidade ($r = .481$; $p \leq 0,01$); Conscienciosidade ($r = .290$; $p \leq 0,01$) e o Neuroticismo ($r = .202$; $p \leq 0,01$). Em relação à variável Gestão de Imagem, foram encontradas correlações negativas estatisticamente significativas com as seguintes variáveis: Extroversão ($r = -.172$; $p \leq 0,01$) e a Abertura à experiência ($r = -.171$; $p \leq 0,01$). Na tabela 17, são observadas correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável PDS_TOT com as seguintes variáveis: Amabilidade ($r = .451$; $p \leq 0,01$) e a Conscienciosidade ($r = .316$; $p \leq 0,01$). É visível nesta mesma tabela a inexistência de correlações estatisticamente significativas entre a variável PDS_TOT com as seguintes variáveis: Extroversão; Neuroticismo e Abertura à Experiência.

Tabela 17. Correlação entre Desejabilidade Social e os Factores de Personalidade

	Auto-apresentação	Gestão da Imagem	PDS_TOT
	Favorável		
Extroversão	,218**	-,172**	-,010
Amabilidade	,192**	,481**	,451**
Conscienciosidade	,197**	,290**	,316**
Neuroticismo	-,131**	,202**	,078
Abertura à experiência	,280**	-,171**	,023

Nota.:* $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

Como se pode observar na tabela 18, verificam-se correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Organizacional e a Afectividade Negativa ($r = ,277$; $p \leq 0,01$); entre a variável Religiosidade Organizacional e a Gestão da Imagem ($r = ,371$; $p \leq 0,01$); entre a variável Religiosidade Organizacional com a PDS_TOT ($r = ,287$; $p \leq 0,01$). De referir a existência de uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a Religiosidade Organizacional e a variável Afectividade Positiva ($r = -,245$; $p \leq 0,01$) e a inexistência de correlação estatisticamente significativa entre a Religiosidade Organizacional e a Auto-apresentação Favorável.

Em relação à variável Religiosidade Não-Organizacional temos correlação positiva estatisticamente significativa com as seguintes variáveis: Afectividade Negativa ($r = ,233$; $p \leq 0,01$); Gestão da Imagem ($r = ,411$; $p \leq 0,01$) e a variável PDS_TOT ($r = ,327$; $p \leq 0,01$). Há também uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a variável Religiosidade Não-Organizacional com a Afectividade Positiva ($r = -,227$; $p \leq 0,01$). Entre a Religiosidade Não-Organizacional e a variável Auto-apresentação Favorável, não ocorre correlação estatisticamente significativa.

Na tabela 18, ainda a referir, as correlações positivas estatisticamente significativas que ocorrem entre a variável Religiosidade Intrínseca com as seguintes variáveis: variável

Afectividade Negativa ($r=,263$; $p \leq 0,01$); a variável Gestão da Imagem ($r=,401$; $p \leq 0,01$) e entre a variável Religiosidade Intrínseca e a variável PDS_TOT ($r=,324$; $p \leq 0,01$). Com a variável Religiosidade Intrínseca, temos também uma correlação negativa estatisticamente significativa com a variável Afectividade Positiva ($r= -,241$; $p \leq 0,01$). Nesta tabela a Religiosidade Intrínseca só não tem correlação estatisticamente significativa com a Auto-apresentação Favorável.

Tabela 18. Correlação entre as Dimensões de Religiosidade com a Afectividade e a Desejabilidade Social

	Religiosidade Organizacional	Religiosidade Não- Organizacional	Religiosidade Intrínseca
Afectividade Positiva	-,245**	-,227**	-,241**
Afectividade Negativa	,277**	,233**	,263**
Auto-apresentação Favorável	,032	,052	,060
Gestão da Imagem	,371**	,411**	,401**
PDS_TOT	,287**	,327**	,324**

Nota: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

Na tabela 19 referindo-nos à Área Urbana, verificamos correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Organizacional e a variável Neuroticismo ($r=,285$; $p \leq 0,01$). Entre a Religiosidade Organizacional e a Extroversão verificamos uma correlação negativa estatisticamente significativa ($r= -,152$; $p \leq 0,05$). Com a variável Religiosidade Organizacional no meio urbano não foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre a Amabilidade, Conscienciosidade e a Abertura à Experiência.

Na mesma tabela a variável Religiosidade Não-Organizacional tem uma correlação positiva estatisticamente significativa com a variável Amabilidade ($r=,291$; $p \leq 0,01$) e com a variável Neuroticismo ($r=,222$; $p \leq 0,01$). E para esta mesma variável não foram encontradas

correlações estatisticamente significativas com a variável Extroversão; a variável Conscienciosidade e a variável Abertura à experiência.

Verificamos ainda em relação à variável Religiosidade Intrínseca uma correlação positiva estatisticamente significativa com a variável Amabilidade ($r = ,192$; $p \leq 0,01$) e com a variável Neuroticismo ($r = ,194$; $p \leq 0,01$). Não existe porém correlação estatisticamente significativa entre a Religiosidade Intrínseca e a variável Extroversão; Conscienciosidade e com a variável Abertura à Experiência.

Tabela 19. Correlações entre as Dimensões da Religiosidade e os Factores de personalidade na Área Urbana

	Religiosidade Organizacional	Religiosidade Não- Organizacional	Religiosidade Intrínseca
Extroversão	-,152*	-,069	-,068
Amabilidade	,138	,291**	,192**
Conscienciosidade	-,032	,050	,004
Neuroticismo	,285**	,222**	,194**
Abertura à experiência	-,125	-,027	-,109

Nota: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

Na tabela 20 aferimos correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Afectividade Positiva e a variável Extroversão ($r = ,547$; $p \leq 0,01$); entre a variável Afectividade Positiva e a Amabilidade ($r = ,193$; $p \leq 0,01$); entre a variável Afectividade Positiva e a variável Conscienciosidade ($r = ,236$; $p \leq 0,01$) e entre a variável Afectividade Positiva e a variável Abertura à experiência ($r = ,535$; $p \leq 0,01$). Entre a variável Afectividade Positiva e a variável Neuroticismo ($r = -,209$; $p \leq 0,01$) foi observado uma correlação negativa estatisticamente significativa. Na mesma tabela, foi observado também uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a variável Afectividade Negativa e a variável Neuroticismo ($r = ,417$; $p \leq 0,05$) e correlação negativa estatisticamente significativa entre a Afectividade Negativa com as seguintes variáveis: Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e a variável Abertura à Experiência

Tabela 20. Correlações entre a Afectividade e Factores de Personalidade na Área Urbana

	Afectividade Positiva	Afectividade Negativa
Extroversão	,547**	-,299**
Amabilidade	,193**	-,166*
Conscienciosidade	,236**	-,248**
Neuroticismo	-,209**	,417**
Abertura à experiência	,535**	-,238**

Nota.: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

Na tabela 21, foi denotada a existência de correlação positiva estatisticamente significativa entre a variável Auto-apresentação Favorável com a variável Extroversão ($r = ,266$; $p \leq 0,01$); entre a variável Auto-apresentação Favorável e a variável Conscienciosidade ($r = ,235$; $p \leq 0,01$) e entre a variável Auto-apresentação Favorável e a variável Abertura à Experiência ($r = ,407$; $p \leq 0,01$). Entre a variável Auto-apresentação Favorável com a variável Neuroticismo ($r = -,237$; $p \leq 0,01$) foi verificada uma correlação negativa estatisticamente significativa. E entre a variável Auto-apresentação Favorável e a variável Amabilidade não foi encontrada correlação estatisticamente significativa.

Em relação à variável Gestão da Imagem foi observada uma correlação positiva estatisticamente significativa entre esta e a variável Amabilidade ($r = ,491$; $p \leq 0,01$); a variável Conscienciosidade ($r = ,348$; $p \leq 0,01$) e a variável Neuroticismo ($r = ,233$; $p \leq 0,01$). Entre a variável Gestão de Imagem e a variável Extroversão e a variável Abertura à Experiência não foram encontradas correlações estatisticamente significativas.

A variável PDS_TOT tem correlação positiva estatisticamente significativa com as seguintes variáveis: Amabilidade ($r = ,456$; $p \leq 0,01$); Conscienciosidade ($r = ,406$; $p \leq 0,01$) e a variável Abertura à experiência ($r = ,202$; $p \leq 0,01$). Não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre a variável PDS_TOT e a Extroversão; entre a variável PDS_TOT e a variável Neuroticismo.

Tabela 21. Correlações entre Desejabilidade Social e Factores de Personalidade na Área Urbana

	Auto-apresentação Favorável	Gestão da Imagem	PDS_TOT
Extroversão	,266**	-,101	,069
Amabilidade	,127	,491**	,456**
Conscienciosidade	,235**	,348**	,406**
Neuroticismo	-,237**	,233**	,050
Abertura à Experiência	,407**	-,032	,202**

Nota: . * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

Referindo-nos à Área Urbana verificamos correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Organizacional e a variável Afectividade Negativa ($r = ,270$; $p \leq 0,01$); entre a variável Religiosidade Organizacional e a variável Gestão da Imagem ($r = ,281$; $p \leq 0,01$) e Religiosidade Organizacional e a variável PDS_TOT ($r = ,143$; $p \leq 0,05$). É aferido nesta tabela também a correlação negativa estatisticamente significativa entre a variável Religiosidade Organizacional e entre a variável Afectividade Positiva ($r = -,149$; $p \leq 0,05$) e entre a variável Religiosidade Organizacional e a variável Auto-apresentação Favorável ($r = -,140$; $p \leq 0,05$). Quando feita a correlação entre a variável Religiosidade Não-Organizacional e a variável Gestão da Imagem ($r = ,408$; $p \leq 0,01$) e entre a variável Religiosidade Não-organizacional com a variável PDS_TOT ($r = ,296$; $p \leq 0,01$) verificamos uma correlação negativa positiva estatisticamente significativa, a mesma correlação estatisticamente significativa, não foi observada no que diz respeito à Religiosidade Não-Organizacional com as seguintes variáveis: Afectividade Positiva; Afectividade Negativa e Auto-apresentação.

Ainda na tabela 22, podemos observar uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a variável Religiosidade Intrínseca com as seguintes variáveis: Afectividade Negativa ($r = ,233$; $p \leq 0,01$); variável Gestão da Imagem ($r = ,316$; $p \leq 0,01$); e a

variável PDS_TOT ($r=, 204$; $p \leq 0,01$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável com a variável Afetividade Positiva; entre a variável Religiosidade Intrínseca e a variável Auto-apresentação Favorável.

Tabela 22. Correlações entre Afetividade, Desejabilidade Social e as Dimensões de Religiosidade na Área Urbana

	Religiosidade Organizacional	Religiosidade Não-organizacional	Religiosidade Intrínseca
Afetividade Positiva	-,149*	-,089	-,083
Afetividade Negativa	,270**	,113	,233**
Auto-apresentação Favorável	-,140*	-,045	-,080
Gestão da Imagem	,281**	,408**	,316**
PDS_TOT	,143*	,296**	,204**

Nota: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

Verifica-se na tabela 23, correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Organizacional com a variável Amabilidade ($r=, 274$; $p \leq 0,01$); entre a variável Religiosidade Organizacional e a Conscienciosidade ($r=, 190$; $p \leq 0,01$). Constata-se correlações negativas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Organizacional e a Extroversão ($r= -, 167$; $p \leq 0,05$) e entre a variável Religiosidade Organizacional com a variável Abertura à Experiência ($r= -, 188$; $p \leq 0,01$). Em relação variável Religiosidade Organizacional, não foi observado correlação estatisticamente significativa com a variável Neuroticismo.

Constata-se também na tabela 23 a existência de correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável entre a variável Religiosidade Não-Organizacional e a variável Amabilidade ($r=, 265$; $p \leq 0,01$). Constatam-se também correlações negativas estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Não-Organizacional com a variável Extroversão ($r= -, 200$; $p \leq 0,01$) e entre a variável Religiosidade Não-Organizacional e a variável Abertura à Experiência ($r= -, 189$; $p \leq 0,01$). É visível também a inexistência de correlação

estatisticamente significativa entre a variável Religiosidade Não-Organizacional com a variável Conscienciosidade e com a variável Neuroticismo.

É de mencionar também a existência de correlação positiva estatisticamente positiva entre a variável Religiosidade Intrínseca com a variável Amabilidade ($r = ,328$; $p \leq 0,01$) e com a Conscienciosidade ($r = ,170$; $p \leq 0,05$). Importante também referir a correlação negativa estatisticamente significativa entre a variável Religiosidade Intrínseca com a Extroversão ($r = -,179$; $p \leq 0,05$) e com a variável Abertura à Experiência ($r = -,231$; $p \leq 0,01$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a Religiosidade Intrínseca e a variável Neuroticismo.

Tabela 23. Correlações entre Dimensões da Religiosidade e Factores de Personalidade na Área Rural

	Religiosidade Organizacional	Religiosidade Não-Organizacional	Religiosidade Intrínseca
Extroversão	-,167*	-,200**	-,179*
Amabilidade	,274**	,265**	,328**
Conscienciosidade	,190**	,078	,170*
Neuroticismo	,081	,073	,070
Abertura à Experiência	-,188**	-,189**	-,231**

Nota: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

Referindo-nos à Área Rural, na tabela 24, verificamos correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável Afectividade Positiva e a variável Extroversão ($r = ,607$; $p \leq 0,01$); entre a variável Afectividade Positiva e a Amabilidade ($r = ,270$; $p \leq 0,01$); entre a variável Afectividade Positiva e a variável Conscienciosidade ($r = ,389$; $p \leq 0,01$); entre a variável Afectividade Positiva e a variável Abertura à experiência ($r = ,691$; $p \leq 0,01$) e também de mencionar correlação negativa estatisticamente significativa entre a variável Afectividade Positiva e a variável Neuroticismo ($r = -,177$; $p \leq 0,05$). Na mesma tabela é importante referir, o facto de ter sido observado uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a variável Afectividade Negativa e a variável

Neuroticismo ($r = ,365$; $p \leq 0,01$) e foi observado também correlações negativas estatisticamente significativas entre a variável Afectividade Negativa com as seguintes variáveis: Extroversão ($r = -,332$; $p \leq 0,01$); a variável Amabilidade ($r = -,185$; $p \leq 0,05$); variável Conscienciosidade ($r = -,309$; $p \leq 0,01$) e a Abertura à Experiência ($r = -,275$; $p \leq 0,01$).

Tabela 24. Correlação entre a Afectividade e Factores de Personalidade na Área Rural

	Afectividade Positiva	Afectividade Negativa
Extroversão	,607**	-,332**
Amabilidade	,270**	-,185*
Conscienciosidade	,389**	-,309**
Neuroticismo	-,177*	,365**
Abertura à experiência	,691**	-,275**

Nota: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

Referindo-nos à Área Rural quando feita a correlação entre o PDS e o BFI, na tabela 25, verificamos diferenças estatisticamente significativas entre a variável Auto-apresentação Favorável com a variável Extroversão ($r = ,231$; $p \leq 0,01$); entre a variável Gestão da Imagem e a variável Extroversão ($r = -,143$; $p \leq 0,05$); entre a variável Auto-apresentação Favorável e a variável Amabilidade ($r = ,234$; $p \leq 0,01$); entre a variável Gestão da Imagem e a variável Amabilidade ($r = ,460$; $p \leq 0,01$); entre a variável PDS_TOT com a variável Amabilidade ($r = ,438$; $p \leq 0,01$); entre a variável Auto-apresentação Favorável e a variável Conscienciosidade ($r = ,190$; $p \leq 0,01$); entre a variável Gestão da Imagem e a variável Conscienciosidade ($r = ,317$; $p \leq 0,01$); entre a variável PDS_TOT e a variável Conscienciosidade ($r = ,317$; $p \leq 0,01$); entre a variável Auto-apresentação Favorável e a variável Abertura à Experiência ($r = ,257$; $p \leq 0,01$) e entre a variável Gestão da Imagem e a variável Abertura à Experiência ($r = -,173$; $p \leq 0,05$). Não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre a variável Auto-apresentação Favorável e o Neuroticismo; entre a variável Gestão da Imagem e o

Neuroticismo; entre a variável PDS_TOT e a variável Neuroticismo e entre a variável PDS_TOT com a variável Abertura à experiência.

Tabela 25. Correlações entre a Desejabilidade Social e Factores de Personalidade na Área Rural

	Auto-apresentação	Gestão da Imagem	PDS_TOT
	Favorável		
Extroversão	,231**	-,143*	,026
Amabilidade	,234**	,460**	,438**
Conscienciosidade	,190**	,317**	,317**
Neuroticismo	-,125	,029	-,047
Abertura à experiência	,257**	-,173*	,019

Nota: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

Relativamente, ao que se pode constatar na tabela 26, existem correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável, Religiosidade Organizacional e a variável Gestão da Imagem ($r = ,328$; $p \leq 0,01$); Religiosidade Organizacional e a variável PDS_TOT ($r = ,283$; $p \leq 0,01$). De destacar a existência de correlação negativa estatisticamente significativa entre a variável Religiosidade Organizacional e entre a variável Afectividade Positiva ($r = -,156$; $p \leq 0,05$). É de referir a inexistência de correlações estatisticamente significativas entre a variável Religiosidade Organizacional e a variável Auto-apresentação Favorável e entre a variável Religiosidade Organizacional e a Afectividade Negativa.

Constata-se também na tabela 26 a existência de correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável religiosidade não-organizacional com as seguintes variáveis: afectividade negativa ($r = ,199$; $p \leq 0,01$); a variável gestão da Imagem ($r = ,308$; $p \leq 0,01$) e a PDS_TOT ($r = ,249$; $p \leq 0,01$). Constata-se também correlações negativas estatisticamente significativas entre a variável religiosidade não-organizacional e a variável afectividade positiva ($r = -,198$; $p \leq 0,01$). É de referir também a não existência de correlações estatisticamente significativas entre a variável religiosidade não-organizacional e a variável auto-apresentação favorável.

Ao ser observada a tabela, verificamos a existência de correlações positivas estatisticamente significativas entre a variável religiosidade intrínseca e a variável gestão da imagem ($r = ,373$; $p \leq 0,01$); e entre a variável religiosidade intrínseca e a variável pds_tot ($r = ,324$; $p \leq 0,01$) e observamos correlações negativas estatisticamente significativas entre a variável religiosidade intrínseca e a variável afectividade positiva ($r = -,231$; $p \leq 0,01$). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a variável religiosidade intrínseca e a variável afectividade negativa e entre a variável auto-apresentação favorável.

Tabela 26. Correlações entre as Dimensões da Religiosidade, a Afectividade e a Desejabilidade Social na Área Rural

.	Religiosidade Organizacional	Religiosidade Não- Organizacional	Religiosidade Intrínseca
Afectividade Positiva	-,156*	-,198**	-,231**
Afectividade Negativa	,105	,199**	,121
Auto-apresentação Favorável	,112	,074	,131
Gestão da Imagem	,328**	,308**	,373**
PDS_TOT	,283**	,249**	,324**

Nota: * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$.

3.6 Discussão dos resultados

O objectivo deste estudo é avaliar o modo como os traços de personalidade estão correlacionados com a religião numa amostra constituída por indivíduos do meio rural e por indivíduos do meio urbano.

No que respeita à primeira hipótese, (H1: Espera-se que um nível elevado de religiosidade esteja relacionado com um nível elevado de Amabilidade e de Conscienciosidade) os resultados obtidos confirmam-na.

Verifica-se uma correlação estatisticamente significativa entre as três dimensões da religiosidade com o traço Amabilidade, bem como o traço Conscienciosidade com duas das três dimensões da religiosidade (Religiosidade Organizacional e Religiosidade Intrínseca), o que nos indica que o traço Amabilidade e o traço Conscienciosidade influenciam de forma positiva o modo como as pessoas se relacionam com a religião. Os nossos resultados vão de encontro aos pressupostos teóricos visto que, de acordo com os estudos publicados anteriormente temos uma correlação significativa entre a Religiosidade e a Amabilidade e Conscienciosidade, esta correlação é visível num estudo de Saroglou de 2002. McDonald e Taylor (1999) levaram a cabo um estudo, e adquiriram resultados semelhantes àqueles apontados por Saroglou. Num estudo de McCullough (2003), estudou-se a associação entre os cinco grandes factores da personalidade e religiosidade, sob a perspectiva do desenvolvimento. Fez-se um estudo longitudinal com adolescentes e denotou-se que os resultados obtidos após o controle para as correlações entre os cinco grandes por meio de regressões multivariadas apontavam para a Conscienciosidade em adolescentes como o único predictor significativo para a maior religiosidade na vida adulta dos jovens. Segundo os autores, tal parece sugerir processos de desenvolvimento em que a Conscienciosidade seria uma tendência biológica e a religiosidade, uma característica adaptativa, que pessoas com alta conscienciosidade estariam propensas a adoptar. A associação positiva entre Amabilidade e Conscienciosidade, segundo Kosek (1999), significa que uma predisposição pessoal em direcção aos outros está associada a uma crença positiva em relação a Deus. O traço de Conscienciosidade, só se correlaciona significativamente, quando feita a correlação deste com os factores da personalidade, mas no meio rural. A correlação positiva entre a Religiosidade Organizacional e o traço Conscienciosidade indica-nos que indivíduos do meio rural que participam activamente, em acções da igreja tem uma correlação significativa e positiva com

o traço Conscienciosidade, o que eu nos remete ao facto de serem pessoas com alta responsabilidade e zelosas e que expõem características como a honestidade, cautela, organização e persistência. Podemos observar uma correlação positiva entre a Religiosidade Intrínseca e a Conscienciosidade, ou seja, há uma correlação entre pessoas que tem um sentimento de significado último de vida, onde o indivíduo busca harmonizar as suas necessidades e interesses às suas crenças, esforçando-se por internalizá-las e segui-las completamente.

A religiosidade correlaciona-se também com o traço Amabilidade de uma forma positiva, o que nos leva a concluir, que pessoas com uma alta religiosidade, têm tendência a serem socialmente agradáveis, calorosos, dóceis, generosos e leais. Estes dois traços da personalidade estão correlacionados positivamente com a Afectividade Positiva o que nos aponta para o facto destes dois traços influenciarem o modo como os indivíduos encaram o meio que os rodeia.

De uma forma mais sumária, o único estudo longitudinal encontrado, apresenta a conscienciosidade em adolescentes como único predictor significativo, para uma maior religiosidade na vida adulta (McCullough, 2003). Isso sugere que a hipótese de Michael Eysenck (1998) esteja correcta ao declarar, que sujeitos, com alto índice de Amabilidade e Conscienciosidade seriam mais atraídos para a religião. McCullough (2003) também concluiu, a partir dos seus resultados, que adolescentes com maior instabilidade emocional estão mais sujeitos a adoptar níveis de religiosidade semelhantes aos dos seus pais. De referir, a associação positiva entre o traço Amabilidade e o traço Conscienciosidade, segundo Kosek (1999), significa que há uma predisposição pessoal em direcção aos outros, que está associada a uma crença positiva em relação a Deus.

A nossa segunda hipótese (H2: É esperado que os sujeitos com resultados mais elevados nos traços de Neuroticismo e de Abertura à Experiência demonstrem índices de Religiosidade superiores) é aceite parcialmente, visto que há uma correlação estatisticamente significativa positiva entre a Religiosidade e o Neuroticismo, o que nos remete para o facto de indivíduos mais religiosos tenderem a ser preocupados, melancólicos e irritados, mas em contrapartida, existe uma correlação estatisticamente significativa no sentido negativo entre as três dimensões da religiosidade e o traço Abertura à Experiência, o que nos leva ao facto de pessoas com uma alta religiosidade, terem baixa abertura à experiência. A segunda parte da

nossa hipótese vai contra o estudo de McCullough (2003) , que examinou a associação entre os cinco grandes factores de personalidade e a religiosidade, sob a perspectiva do desenvolvimento. Foram analisados adolescentes por um período de 19 anos. Nos seus resultados, os adolescentes que foram apontados pelos pais e professores como mais abertos à experiência tornaram-se mais religiosos em adultos.

Em relação à ocorrência, de sujeitos com uma alta Religiosidade, terem um nível elevado de Neuroticismo, pode se prender com o facto de, usualmente pessoas ansiosas e com mudanças frequentes de humor e depressão, se associarem mais aos actos religiosos, para tentar cessar a sua angustia no seu Deus. Para fundamentar a nossa hipótese com pressupostos teóricos recorreremos a um estudo de Hills (2004), onde é visível que, o Neuroticismo se encontra associado positivamente com a Religiosidade Extrínseca e busca mas não apresentou associações com religiosidade intrínseca e com as variáveis comportamentais de frequência à igreja e oração pessoal, embora no nosso estudo tenhamos encontrado correlação positiva entre a Religiosidade Intrínseca e a Religiosidade Organizacional.

Os indivíduos neuróticos tendem a focalizar-se mais nos aspectos negativos das situações, estando esta dimensão altamente associada com a Afectividade Negativa.

No nosso estudo podemos verificar, a correlação existente no sentido negativo entre a Religiosidade e o traço Extroversão. Deste modo podemos constatar que indivíduos com uma alta religiosidade tendem a ser pessoas sérias e inibidas e evitam a companhia dos outros. Não são necessariamente tímidas, já que podem possuir um bom nível de habilidades sociais.

A Extroversão relaciona-se com a Afectividade Positiva, podendo observar-se nestes sujeitos um maior número optimismo, comparativamente com os sujeitos mais introvertidos e neuróticos.

È interessante observar, nos resultados do nosso estudo, que indivíduos que frequentam a igreja no meio urbano tem uma correlação positiva e significativa com a Afectividade Negativa, mas tem também significativa (embora num nível de significância mais baixo) com a Afectividade Positiva. Quando o mesmo tipo de correlação é feita, mas para o meio rural, podemos verificar apenas correlação significativa mas negativa entre estes sujeitos com a Afectividade Positiva, desta forma sujeitos que frequentam a igreja no meio rural e no meio urbano são mais tristes e letárgicos. E no meio urbano estes mesmos indivíduos muitas vezes experienciam sentimentos de raiva, desprezo, culpa, medo e

nervosismo, ou seja não retiram por vezes, ou sempre prazer do que quer que seja. Em relação ainda à Religiosidade Organizacional no meio urbano, podemos observar que existe uma correlação negativa, mas significativa entre esta e a Auto-Apresentação Favorável. Tanto no meio rural como no meio urbano podemos verificar uma correlação positiva e significativa entre a gestão de imagem e a PDS_TOT com a Religiosidade Organizacional, a Religiosidade Não-Organizacional e a Religiosidade Intrínseca. No meio rural as pessoas que não participam activamente na vida religiosa - Religiosidade Não-Organizacional - tem correlações negativas mas significativas com a Afectividade Positiva o que nos remete mais uma vez para pessoas tristes. Verificamos correlação significativa e positiva entre a Religiosidade Não-Organizacional e a Afectividade Negativa, o que nos indica um aspecto contrário aos indivíduos do meio rural que vão à missa e participam activamente com a igreja, neste caso os indivíduos do meio rural que não exercem actividades na igreja sentem-se mais culpados, com medo, ansiosos e sem ajuste de prazer, o que vai de encontro aos sujeitos do meio urbano que frequentam a igreja. Era importante ressaltar o facto dos indivíduos do meio rural, que têm associados sentimentos de harmonia e que se esforçam para seguir e internalizar completamente as suas crenças – Religiosidade Intrínseca – terem uma correlação significativa, mas negativa com a Afectividade Positiva, o que nos remete também para indivíduos com um certo grau de tristeza, ao passo que no meio urbano, as pessoas com este tipo de religiosidade, tem uma correlação significativa e positiva com a Afectividade Negativa, o que mais uma vez vai de encontro ao que já se tinha verificado com esta mesma população, mas que frequentava a igreja activamente.

No que diz respeito ao sexo, podemos ver que existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo e a etnia, e entre o sexo e o facto de ser católico praticante ou católico não praticante. O facto de termos mais mulheres católicas pode se prender a factos culturais, uma vez que os homens estão ou estiveram profissionalmente mais activos na indústria ou nos serviços do que as mulheres, assim sendo é esperado que estes tenham uma orientação religiosa mais baixas do que as mulheres. Por outro lado a esfera familiar e a gestão dos problemas no seu seio da família, continuam ainda hoje a ser mais do foro feminino, facto que pode tornar as mulheres mais próximas da religião do que os homens, sobretudo através da prática e da intensidade da crença, tal como se pode observar nos resultados do nosso estudo.

É interessante ver as diferenças entre os católicos praticantes e não praticantes, e podemos observar, que os católicos praticantes obtêm valores mais elevados em quase todas as escalas do que os não praticantes. De um modo geral, pode-se ver que ao nível das dimensões da religiosidade e da desejabilidade social, que os inquiridos do meio rural obtiveram pontuações mais elevadas e significativas, quanto aos factores de personalidade e afectividade só obtiveram pontuações mais elevadas no âmbito do neuroticismo e da afectividade negativa. Na Extroversão, na Abertura à Experiência e na Afectividade Positiva, foi onde os católicos não praticantes obtiveram valores mais elevados.

Podemos observar que os indivíduos do meio rural obtiveram pontuações mais elevadas que os indivíduos do meio urbano.

Ao constatar a idade em relação às escalas, podemos verificar que os resultados mais elevados estão presentes na idade maior ou igual a quarenta anos.

Na idade menor a quarenta anos, são verificados resultados mais elevados, na Extroversão, na Abertura à Experiência e Afectividade Positiva. Poder-se-á concluir que as pessoas com menos de 40 anos, católicas não praticantes e que vivem em área urbana, têm valores mais altos na Extroversão, na Abertura à Experiência e na Afectividade Positiva. Em relação à diferença das médias da idade, pode ser explicado, pelo facto de em Portugal, devido à democracia e à inculcação religiosa do estado novo, as gerações mais velhas terem sido marcadas por um tipo de cognição diferenciada das mais jovens, cujo período de socialização se operou em contexto democrático. Esta particularidade histórico-social portuguesa pode sugerir o facto de a idade ser um factor distintivo da religiosidade. Estes resultados em relação às pessoas mais jovens, podem ser melhor compreendidos pelo facto de, na contemporaneidade, haver uma quebra dos valores religiosos, especialmente entre os mais jovens. Com o sucesso da ciência e da tecnologia, os valores atribuídos à religiosidade foram afastados para um segundo plano. Defronte da perda dos referenciais religiosos, os sujeitos, principalmente os mais jovens, passaram a substituir seus ideais culturais pelos ideais particulares, uma vez que, nas últimas décadas, diante das múltiplas possibilidades que lhes são oferecidas, a maioria dos jovens optam por um estilo de vida dessacralizado. Por outro lado, os sujeitos mais velhos são mais conscientes da sua mortalidade, em comparação com os jovens, crendo que podem encontrar na sua religiosidade uma forma de enfrentar as suas questões existenciais, neste caso, as dúvidas e os medos que a morte pode suscitar aos seres

humanos. De acordo com Geertz (1989), a atitude religiosa, nas civilizações ‘primitivas’ e nas civilizações ‘modernas’, nomeadamente entre os mais velhos, tem sido procurada num sentido valorativo como forma de explicar e preencher o vazio que inquieta o homem, afastando deste o desespero e proporcionando-lhe a sensação de bem-estar e completude por fazê-lo sentir-se unido a um ser supremo.

Verificámos diferenças estatisticamente significativas entre a meio rural e o meio urbano, por isso seria importante debruçarmo-nos um pouco a cerca deste aspecto. Temos de ter primeiramente presente que o universo religioso não é apenas composto por crenças, cognições, atitudes e práticas, a religião também é cultura. A cultura religiosa resulta de um processo interactivo: produz um impacto na sociedade em que se enraíza, mas a sociedade também modela a religião. O cristianismo modelou a Europa, mas também adquiriu a forma de Europa Rural na qual se institucionalizou. A industrialização veio introduzir alterações na cultura religiosa, ou seja, a religião mágico- industrial foi se extinguindo e o mundo até então encantado desapareceu, e Portugal como membro da Europa fez parte deste processo. Embora, as diferenças entre o meio rural e o meio urbano já devessem estar escassas, devido ao facto da cultura urbana se espalhar, pelos meios de comunicação, que se encontram sediados nas cidades, no nosso estudo, ainda se nota uma grande diferença entre estes dois meios. Mas embora ao avaliarmos o nosso país, a nossa sociedade, com marcantes influências urbanas, não deixa de ser pertinente salientar que esta ainda conserva muitas contradições de temporalidade, e este confronto está enraizado, com a religiosidade. Segundo Silva (1997), a igreja tem moldado de forma continua a estrutura social portuguesa, contudo as manifestações e as vivências comunitárias da religiosidade popular ultrapassam o quadro estruturante da religião oficial. Devido a alguns destes factores é de esperar que a religiosidade ou pelo menos alguns dos indicadores sejam explicados pelo meio onde a pessoa vive.

Também se deve ressaltar que as pessoas mais velhas, residentes em meios rurais e com uma socialização religiosa forte, são também os mais religiosos.

Conclusão

Entende-se que os indivíduos ao nascerem, já encontram uma complexa rede de funções estruturais, bem definidas e que com o convívio social, num primeiro momento familiar, passam a interiorizar maneiras de ser comuns, formas de agir, valores e representações religiosas e outras.

Este estudo foi realizado com o intuito de estabelecer relações entre as características da personalidade, a religiosidade, bem como o nível de afectividade dos habitantes do meio rural/urbano, tendo como principal objectivo avaliar quais os traços da personalidade que mais poderão influenciar o modo como os indivíduos encaram a religião, e o modo como a sua afectividade é influenciada. Através da análise dos resultados obtidos, verifica-se que as dimensões amabilidade e conscienciosidade, contribuem de forma positiva para um aumento da religiosidade. A religiosidade correlaciona-se com o traço Amabilidade de uma forma positiva, como já vimos, o que nos leva a concluir, que pessoas com uma alta religiosidade, têm tendência a serem socialmente agradáveis, calorosos, dóceis, generosos e leais. E ao correlacionar-se com o traço Conscienciosidade leva-nos, a dizer que as pessoas com uma alta religiosidade são Indivíduos com alta responsabilidade, zelosos e disciplinados, expondo características como honestidade, engenhosidade, cautela, organização e persistência.

O traço de Neuroticismo está relacionado com a religião de uma forma elevada. O que nos leva a concluir que estes indivíduos experimentam emoções negativas, como ansiedade, desamparo, irritabilidade e pessimismo. São sujeitos que tendem a ser bastante preocupados, melancólicos e irritados. É também visível o facto das pessoas com um maior grau de religiosidade, serem menos aptas a quebrarem rotinas e a orientarem-se por os valores mais tradicionais, ou seja, foi verificado que pessoas com maior religiosidade, tem menos Abertura à Experiência.

Uma das limitações presentes nesta investigação prendeu-se com a recolha da amostra, nem sempre se verificou, muita disponibilidade por parte dos sujeitos que eram escolhidos aleatoriamente. Os locais onde foram contactadas os indivíduos também foram uma limitação, visto que eram locais públicos, o que balizou e impossibilitou uma maior concentração por parte dos sujeitos que preencheram os questionários. Outra das limitações, foi o facto, de não serem encontrados estudos em que a religiosidade, os factores da personalidade e o meio rural \ urbano estivesse presente num conjunto.

Futuras investigações são pertinentes, nas faixas etárias mais jovens com o intuito de se realizar um estudo longitudinal, que possa avaliar a relação entre a religiosidade e a personalidade. Avaliar a religiosidade como uma possível dimensão de personalidade, embora tenham sido encontradas associações significativas entre religiosidade e personalidade, alguns autores sustentam que a crença numa dimensão de Religiosidade, em uma realidade transcendente ou num Deus pessoal parece não possuir correspondências entre quaisquer dos cinco factores de personalidade (Saroglou,2002; Duriez,2004; Piedmont RL 1999; Paunonen SV, 2000). Dessa forma, a dimensão de Religiosidade é apresentada como a mais provável candidata a residir além dos cinco grandes factores de personalidade e a Transcendência Espiritual, segundo Piedmont, pode ser considerada uma sexta dimensão da personalidade. Considera-se, também, pertinente a realização de novas pesquisas que possam compreender as funções da religiosidade no homem contemporâneo, principalmente como esta se pode relacionar com os valores humanos, as visões da vida e da morte, o bem-estar psicológico e o papel da religiosidade em pacientes com doenças crónicas ou sem possibilidades terapêuticas.

Referencias Bibliográficas

- Allport, G.W. (1975). *Desenvolvimento e personalidade*. São Paulo: EPU.
- Allport, G.W. (1966). *Personalidade padrões e desenvolvimento*. São Paulo: Herder Editora da Universidade de São Paulo.
- Allport, G.W. (1961). *Pattern and growth in personality*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- American Psychiatric Association. (1994). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (4th ed.)*. Washington, DC: American Psychiatric Association.
- Barros, H. (2010). *Personalidade e Religião*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Barry, John F. (2001). *One Faith, One Lord: A Study of Basic Catholic Belief*. Gerard F. Baumbach, Ed.D.
- Benedict, R. (1989). *Patterns of culture* (copy, Mary Catherine Bateson). Boston: Houghton Mifflin Company.
- Benko, A. (1981). *Psicologia da religião*. São Paulo: Loyola.
- Cabral, A. (2006). *Dicionário técnico de Psicologia*. São Paulo: Cultrix.
- Campbell, V., & Bond, R. (1982). *Evaluation of a character education curriculum*. In D. McClelland (ed.), *Education for values*. New York: Irvington Publishers.
- Cattell, R. B. (1975). *Análise científica da personalidade*. São Paulo: IBRASA.
- Cattell, R.B. (1946). *The description and measurement of personality*. Yonkers, New York: World Books.
- Cloninger, S. C., (1996). *Personality: Description, dynamics and development*. New York: W. H. Freeman and Company.
- Coelho, J., Achilles G. & Mahfoud, M.(2001). As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: Distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. São Paulo: Universidade de Minas Gerais. Vol. 12, No. 2.
- Crowther, J. (2004). *Shakespeare, As you like it*. New York: Spark Publishing.
- Digman, J. M. & Inouye J. (1986). Further Specification of the Five Robust Factors of Personality. *Journal of Persononality and Social Psychology*, No. 50, pp. 116–123.

- Digman, J. M. (1979). *The five major domains of personality variables: Analysis of personality questionnaire data in the light of the five robust factors emerging from studies of rated characteristics*. Paper presented at the Annual Meeting of the Society of Multivariate Experimental Psychology, Los Angeles, CA.
- Duriez B, Soenens B, Beyers W. (2004). *Personality, Identity Styles and Religiosity: An Interactive Study Among Late Adolescents in Flanders*. Belgium.J. Per. pp. 5-72.
- Durkheim, E. (1996). *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eysenck, H. J. (1998). *Personality and the psychology of religion*. Mental Health, Religion and Culture. Vol. 1, No. 1.
- Eysenck, H.J. (1967). *The biological bases of personality*. Springfield, IL: Charles C. Thomas
- Fowler, J. (1992). *Estádios da Fé*. São Leopoldo: Sinodal.
- Franzen A.(1988). *Kleine Kirchengeschichte Neubearbeitung*. Freiburg: Herder.
- Frankl, V.E. (1989). *Um sentido para a vida*. São Paulo: Santuário.
- Freud, S. (1974). *O futuro de uma ilusão*. In Freud, S., Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud .Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1948). *Inibicion, sintoma y angustia*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Galinha, I. e Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Abordagem teórica ao conceito de afecto. *Análise Psicológica*. Vol.2,pp.209-218.
- Galinha, I. e Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): I – Abordagem teórica ao conceito de afecto. *Análise Psicológica*. Vol.2,pp.219-227.
- García, L. F. (2006). Teorias Psicométricas da Pernalidade. In: C. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.). *Introdução à Psicologia das Diferenças Individuais*, pp. 219-241. Porto Alegre: Artmed.
- Goldberg, L.R.(1992). The Development of Markers for the Big Five Factor Structure. *Psychological Assessment*. V. 4, No. 1.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Hills, P., Francis, L.J., Argyle, M., Jackson, C.J. (2004).Primary Personality Trait Correlates of Religious Practice and Orientation. *Personality individual differences*. Vol.36, No.1 pp. 61-73.

- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Antón, M. & Wieczorek, L. S. (1998). O Desenvolvimento de Marcadores para a Avaliação da Personalidade no Modelo dos Cinco Grandes Fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Vol. 11, No. 2. Porto Alegre.
- James, W. (1995). *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix
- John, O.P.; Angleitner, A. & Ostendorf, F. (1988). The lexical approach to personality: A historical review of trait taxonomic research. *European Journal of Personality*, V. 2.
- Jung, C.G. (1999). *Psicologia e Religião*. Petropolis: Vozes.
- Jung, C.G. (1997). *A Energia Psíquica*. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C.G. (1970). *Arquétipos e Inconsciente Colectivo*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Kardiner, A. (1945). *The Psychological Frontiers of Society*. New York: Columbia University Press.
- Koeing H.G., George LK, Peterson BL. (1998). Religiosity and remission of depression in medical in older patients. *American Journal of Psychiatry*. Vol.155, pp. 536-542.
- Koeing H.G., Meador, K., Parkerson, G.(1997). Religion Index for Psychiatric Research: a 5-item Measure for use in Health Outcome Studies. *American Journal of Psychiatry* .Vol. 154, pp. 885-886.
- Kosek RB. (1999). Adaptation of the Big Five as a hermeneutic instrument for religious constructs. *Personality individual differences*. Vol.27, No.2, pp. 229-237.
- Leontiev, A.N. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa:Livros Horizonte.
- Lewis, C.A. (1999). *Is the relationship between religiosity and personality 'contaminated' by social desirability as assessed by the Lie Scale?*. A methodological reply to Michael W. Eysenck (1998). *Mental Health, Religion and Culture*. Vol. 2, No. 2.
- Machado, A. A. (1997). *Psicologia do Esporte - Temas emergentes*. Jundiaí: Ápice Editora.
- Maddi, S.R. (1980). *Personality theories: A comparative analysis*. Illinois: Dorsey Press.
- Maltby, J. (1999). Religious orientation and Eysenck's personality dimensions: The use of the amended religious orientation scale to examine the relationship between religiosity, psychoticism, neuroticism and extroversion. *Personality individual differences*. Vol. 26, pp 79-84.

- McCullough ME, Tsang JA, & Brion S. (2003). *Personality traits in adolescents as predictors of religiousness in early adulthood: findings from the Terman Longitudinal Study*. Society for Personality and Social Psychology. Vol. 29, No.8, pp. 91-980.
- McDonald DA & Taylor A. (1999). Religion and the five factor model of personality: An exploratory investigation using a Canadian university sample. *Personality individual differences*. Vol. 27.
- McCrae, R. R. (2006). *O que é personalidade?* In C. Flores-Mendoza & R. Colom-Marañón (Orgs.). *Introdução à Psicologia das Diferenças Individuais*. Porto Alegre: Artmed.
- McCrae, R.R. & Costa, P.T. (1997). Personality Trait Structure as a Human Universal. *American Psychologist*. Vol. 52, pp.509-516.
- McCrae, R.R. & Jonh, O.P. (1992). An introduction to the Five-Factor Model and its applications. *Journal of Personality*. Vol.60, No. 2, pp. 175- 215.
- McCrae, R.R. & Costa, P.T. (1989). More reasons to adopt the Five-Factor Model. *American Psychologist*, V. 44.
- Mead, M. (1954). *Cultural Patterns and Technical Change*. New York: A Mentor Book.
- Mead, M. (1949). *Male and Female: a Study of Sexes in a Changing World*. New York: A Mentor Book.
- Mead, M. (1935). *Sex and Temperament in Three Primitive Societies*. New York: A Mentor Book.
- Mead, M. (1928). *Coming of Age in Samoa*, New York: A Mentor Book.
- Moreira-Almeida A, Lotufo FN & Koenig HG. (2006). Religiousness and mental health: a review. Artigo especial. *Revista Brasileira de Psiquiatria*.
- Moreira-Almeida A. (2004). *Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas* [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.
- Oliveira, J. P. (2002). O Exame psicológico no contexto forense. *Sub Judice/Ideias*, 22, 49 - 58.
- Paiva, G. J. (2005). *Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma disciplina*. In M. M. AmatuZZi (Org.), *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus.
- Palmer, G.B (1996). *Toward a theory of cultural linguistics*. Texas: University of Texas Press.

- Paunonen S.V, Jackson D.N.(2000). *What is beyond The Big Five?..Journal of Personality*. Vol. 68, No.5.
- Paulhus, D. L. Ph.D. (1998). *Paulhus Deception Scales (PDS): The Balanced Inventory of Desirable Responding-7 – User's Manual*. Department of Psychology – University of British Columbia.
- Piedmont RL. (1999). Does Spirituality Represent the Sixth Factor of Personality? Spiritual Transcendence and the Five-Factor Model. *Journal of Personality*. Vol. 67, No.6.
- Pervin, L. A & John, O. P. (2004). *Personalidade: Teoria e Pesquisa* (R. C. Costa, trad. 8ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Pervin, L.A. (1978). *Personalidade: teoria, avaliação e pesquisa*. São Paulo: EPU.
- Pierrard, P. (1978). *Histoire de l'Eglise Catholique*. Paris: Desclée & Cie.
- Rican, P. (2004). Spirituality: The story of a concept in the psychology of religion. *Archiv fur Religions psychologie*. Vol. 26, No. 1, pp.135-156.
- Robles, R. & Páez, F. (2003). *Estudio sobre la traducción al espanõl y las propiedades psicométricas de las escalas de afecto positivo y negativo (PANAS)* Salud Mental, Vol. 26, No. 1, febrero.
- Rudolf, O.(1985). *O Sagrado: um estudo do elemento não racional na ideia do divino e sua relação com o racional*. São Bernardo do Campo: Ciência da Religião, Imprensa Metodista.
- Saroglou V. (2002). Religion and the five factors of personality: a meta-analitic review. *Personality individual differences*. Vol. 32:, pp.15-25.
- Sève, L. (1979). *Marxismo e a teoria da personalidade*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, R. S., Schlottfeldt, C. G., Rozenberg, M. P., Santos, M. T. & Lelé, A. J. (2007). *Replicabilidade do Modelo dos Cinco Grande Fatores em Medidas da Personalidade*, ISSN 1982-1913, Vol. 1, No. 1, pp. 37-49.
- Silva, A. S. (1997). *Palavras para um Pais. Estudos incompletos sobre o século XIX Português*. Oeiras: Celta Editora.
- Silveira, N. (1994). *Jung: Vida e Obra*. São Paulo: Paz e Terra.
- Singer R. N. (1986). *Psicologia dos esportes: mitos e verdades*. São Paulo: Harba.
- Schultz, D.P (2002). *Temas da Personalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

- Schultz, D. P. (1981). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix.
- Tardan-Masquelier, Y. (1994). *C. G Jung: a Sacralidade da Experiência Interior*. São Paulo: Paulus.
- Teles, A. X. (1982). *Psicologia Moderna*. São Paulo: Ática.
- Teofrasto. (1999). *Os Caracteres*. (Maria de Fátima Silva, Trans), Lisboa: Relógio d'Água.
- Watson, D., Clark, L. A. & Tellegen, A. (1988). Development and Validation of Brief Measures of Positive and Negative Affect: The PANAS Scales. *Journal of Personality and Social Psychology*.
- Widiger, T. A. & Costa, P. T. Jr. (2002). Five-Factor Model Personality Disorder Research. In P. T. Costa Jr & T. A Widiger (Eds.). *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality*, pp. 59-87. Washington, DC: American Psychological Association.
- Wohl, L. (1993). *Fundada sobre a rocha, história breve da Igreja*. (Tradução de Teresa Jalles) Lisboa: Rei do Livros.
- World Health Organization. (1998). *WOQOL and Spirituality, Religiousness and Personal Beliefs*. Report on WHO, Geneva.

Sites da internet:

- <http://www.ecclesia.pt/catecismo/> (Retirado do arquivo da internet dia 16/11/2010)
- http://www.vatican.va/archive/ccc/index_po.htm (Retirado do arquivo da internet dia 19/11/2010)
- http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html (Retirado da internet no dia 19/11/2010)
- http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis_po.html (Retirado do arquivo da internet dia 17/06/2010)
- http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri_po.html (Retirado do arquivo da internet dia 10/10/2010)
- http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1985/documents/hf_jp-ii_aud_19850626_sp.html (Retirado do arquivo da internet dia 10/10/2010)

http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html (Retirado do arquivo da internet dia 19/11/2010)

<http://www.newadvent.org/cathen/05001a.htm> (Retirado do arquivo da internet dia 10/10/2010)

http://www.allsands.com/potluck3/martinlutherbi_ugr_gn.htm (Retirado do arquivo da internet dia 25/09/2010)

http://dn.sapo.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1659831&seccao=Europa (Retirado do arquivo da internet dia 19/10/2010)

